



Universidade
Estadual de
Londrina

ANGÉLICA LIMA PIAI

EDUCAÇÃO, MÍDIA E TECNOLOGIA :
QUESTÕES E IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE ENSINAR
E APRENDER.

LONDRINA
2009

ANGÉLICA LIMA PIAI

EDUCAÇÃO, MÍDIA E TECNOLOGIA :
QUESTÕES E IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE ENSINAR
E APRENDER.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Estadual de Londrina.

Orientador(a): Prof^a. Adriana Regina de
Jesus Santos

LONDRINA
2009

ANGÉLICA LIMA PIAI

EDUCAÇÃO, MÍDIA E TECNOLOGIA :
QUESTÕES E IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE ENSINAR E
APRENDER.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Estadual de Londrina.

COMISSÃO EXAMINADORA

ADRIANA REGINA DE JESUS SANTOS
Universidade Estadual de Londrina

CLÁUDIA CHUEIRE DE OLIVEIRA
Universidade Estadual de Londrina

MÁRCIA BASTOS DE ALMEIDA
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, ____ de _____ de 2009.

A meus irmãos,
Maria Aparecida, Andréa, Aguida e Luiz
Ricardo Lima Piai, que sempre compartilharam
e participaram de momentos especiais de
minha vida, torcendo pelas conquistas.
A minha mãe, Maria das Graças, que sempre
nos amou e lutou por cada um.
Ao meu pai Vaudrilo Piai (*in memoriam*), pelas
saudosas lembranças de infância.
E ao Marcio Luis Silva, meu esposo,
pelo amor e confiança.

AGRADECIMENTO

Sou grata a todos que nesta caminhada foram apoio e incentivo para alcançar essa concretização;

A Deus, por seu amor e providência em minha vida, que colocou em meu caminho pessoas sábias que são modelo e estímulo para continuar.

Agradeço a orientadora desse trabalho, professora Adriana Regina de Jesus Santos, com quem pude contar e de quem tive valiosíssimas sugestões. Obrigada professora Adriana pela compreensão, esclarecimentos e direcionamentos, pela oportunidade e por sua contribuição para meu crescimento acadêmico e pessoal.

Aos professores que tive oportunidade de conhecer e participar de momentos de estudos e reflexões, quando compartilharam seus conhecimentos e experiências, que tanto colaboraram para minha formação.

Sou grata aos colegas que tornaram menos solitário o percurso ao dispor de estimável amizade e companheirismo.

Aos participantes, sujeitos desse estudo, pela possibilidade de conhecer por meio da pesquisa de campo suas concepções e reflexões quanto aos processos de construção e de significação da realidade midiática no processo educacional.

Enfim, divido o contentamento dessa experiência com meus familiares. Agradeço à minha família, que sempre esteve presente e me amparou nos momentos difíceis e por sua união e testemunho de perseverança que possibilitou a superação de muitas barreiras.

O conhecimento só é capaz de proporcionar um alargamento se ele adere ao indivíduo com uma tal insistência que seu isolamento se desfaz. Decerto, isso pressupõe também uma relação com o universal, mas não de subsunção, porém uma que seja quase o contrário desta. A mediação dialética não é recurso a algo mais abstrato, e sim o processo de dissolução do concreto no interior de si mesmo.

ADORNO (1993, p. 64)

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dados dos sujeitos da pesquisa.....	57
Tabela 2 – O que é mídia?.....	58
Tabela 3 – O que podemos entender por recursos midiáticos?	60
Tabela 4 – A mídia contribui no processo de ensinar e aprender?	62
Tabela 5 – O que é ensinar na sociedade midiática?	63
Tabela 6 – O que é aprender na sociedade midiática ?.....	65
Tabela 7 – Quais as dificuldades para ensinar na sociedade midiática?.....	69
Tabela 8 – Como deve ser o processo de ensino para que o aluno aprenda?	70

PIAI, Angélica Lima. **EDUCAÇÃO, MÍDIA E TECNOLOGIA** : QUESTÕES E IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE ENSINAR E APRENDER. 2009. 87 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

RESUMO

O presente estudo aprecia as relações entre educação e mídia na sociedade contemporânea, bem como suas implicações no processo de ensinar e aprender. Considerando que vivemos em uma sociedade mediada pelas tecnologias, não podemos negar sua ação sobre o homem nos diversos aspectos; social, econômico, político, cultural e educacional. Para o desenvolvimento deste estudo utilizou-se a abordagem qualitativa, tendo como parâmetro a pesquisa bibliográfica e de campo. O trabalho está dividido em três capítulos, o primeiro refere-se ao conceito de mídia e sua relação na sociedade; o segundo destaca algumas considerações da mídia na educação contemporânea e o terceiro capítulo traz reflexões a partir dos dados coletados na pesquisa de campo. Ao término do trabalho constatou-se que a mídia exerce influência sobre a vida social, alterando as relações e o modo de pensar e agir do homem. Faz-se necessário destacar que a formação educacional voltada para a autonomia requer reflexões e discussões quanto ao predomínio e legitimação de uma ideologia que tem nas mídias apoio e esta, quando não questionada é incorporada culturalmente reproduzindo uma alienação do sujeito, no caso atual a do consumo, do ter, da individualidade e do não pensar. A proposta de uma educação crítica e reflexiva pressupõe professores reflexivos, pesquisadores, bem informados e principalmente comprometidos com as questões relacionadas ao ensinar e aprender.

Palavras-chave: Mídia. Educação. Tecnologia. Formação crítica. Autonomia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 MÍDIA: CONCEITO E ORIGEM	12
1.1 O QUE ENTENDEMOS POR MÍDIA E O QUE ELA É	13
1.2 A CULTURA MUDIÁTICA E CONSUMO	17
1.3 AS TRANSFORMAÇÕES MUDIÁTICAS E TECNOLÓGICAS	19
1.4 A MÍDIA E A MUDANÇA SÓCIO-CULTURAL.	22
1.5 INTENSIFICAÇÃO E ATROFIAÇÃO DOS SENTIDOS.	26
2 EDUCAÇÃO E MÍDIA: ENSINAR E APRENDER NA CONTEMPORANEIDADE	32
2.1 APRENDER E ENSINAR NA SOCIEDADE DE INFORMAÇÃO E IMAGENS.....	38
2.2 A IMPORTÂNCIA DA MÍDIA NO PROCESSO DE ENSINAR E APRENDER	45
3. CAMINHO METODOLÓGICO: ALGUMAS REFLEXÕES	51
3.1 MÉTODO	52
3.2 SUJEITO PESQUISADO	57
3.3 COLETA E ANÁLISE DOS DADOS	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
REFERÊNCIAS	79
APÊNDICES	84
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO.	85
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES	86

INTRODUÇÃO

As constantes transformações na sociedade contemporânea, devido ao desenvolvimento tecnológico e científico, gera impactos quanto ao comportamento dos sujeitos que atuam nessa sociedade, redefinido e influenciando em seu relacionar com o meio onde vive e alterando as formas de produção e reprodução do trabalho e da cultura dessa sociedade.

Este trabalho considera as relações humanas bem como sua formação, social e intelectual, nesta realidade permeada por aparatos e ideologias que mediam a comunicação e a informação. Considerando a relevância das relações sociais e de sua reflexão, parte por discutir e evidenciar a mídia na sociedade das informações e tecnologias, incluindo o homem como meio e mídia. Ainda que limitado ao seu redor, este influencia e dissemina conceitos e imagens e sua não reflexão diante da cultura dominante a reproduz. Considera também a mídia como meios de informação e comunicação, toda ação, imagem ou fala que pode manifestar uma apreciação, e dentro dessa categoria, as mídias tecnológicas como extensão e recursos na comunicação com potencial maciço, que atinge e influencia grande número de pessoas e nações.

A presente pesquisa, portanto, destaca como temática central a mídia e como problema a sua influência no processo de ensino e aprendizagem, procurando evidenciar as concepções que se tem sobre a mídia, os recursos tecnológicos e suas possíveis implicações sobre o processo educativo e social nesta realidade. O tema mídia, portanto, foi escolhido, por discutir as relações sociais, a racionalidade do homem e o contexto do desenvolvimento tecnológico, bem como suas implicações no processo de formação e autonomia do sujeito social.

A relevância da pesquisa está em evidenciar e discutir o conceito de mídia, a alienação por meio da cultura dominante e a necessidade da reflexão diante das ferramentas utilizadas para influenciar e infantilizar o ser humano administrado.

Para tanto, tem como objetivos principais evidenciar e compreender o termo mídia e suas implicações na construção da realidade sociocultural e

econômica da sociedade, enfatizar a necessidade de um pensar autônomo e crítico na formação dos sujeitos na contemporaneidade; analisar as influências da mídia no processo de ensinar e aprender neste contexto; contribuir para a reflexão dos professores quanto ao uso consciente e crítico dos meios tecnológicos na educação; compreender a mídia como possibilidade de recurso pedagógico, bem como sua finalidade na práxis pedagógica do professor, uma vez que já se faz realidade cotidiana na vida dos alunos e na sociedade. Cabe destacar ainda os objetivos de aprofundar o conhecimento teórico e metodológico ao elaborar um trabalho científico que corrobore com a minha formação acadêmica profissional e pessoal.

A metodologia utilizada no presente estudo teve como parâmetro a abordagem qualitativa. Para tanto, desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica e de campo. Ruiz (2008, p. 58) esclarece que “as produções humanas foram comemoradas e estão guardadas em livros, artigos e documentos” e que a pesquisa bibliográfica, qual todos os universitários realizarão, consiste no exame dessa bibliografia, ou seja, na análise de produções escritas “sobre determinado assunto, por autores conhecidos e identificados ou anônimos, pertencentes a correntes de pensamento diversas entre si, ao longo da evolução da Humanidade”, e afirma que através da pesquisa bibliografia pode-se escalarcer no incio do trabalho a especificação e delimitação do assunto trabalhado, pois afirma Ruiz (2008, p.61) que “não se pode epecificar ou delimitar um assunto antes de conhece-lo em sua generalidade, antes de aprender os multiplos aspectos sob os quais possa ser estudado”. O mesmo autor corrobora afirmando que a pesquisa de campo “consiste na observação dos fatos tal como ocorrem espontaneamente na coleta de dados e no registro de variaveis presumivelmente relevantes para ulteriores análises”(p. 50), e segue esclarecendo que a pesquisa de campo “permite o estabelecimento de relações constantes entre determinadas condições [...], observadas e comprovadas”, e para sua realização neste trabalho utilizou-se como técnica para a coleta do dados o questionário no qual “o informante escreve ou responde por escrito a um elenco de questões cuidadosamente elaboradas” (2008, p. 51).

Para compreendermos a temática, objeto do estudo, dividimos o trabalho nos capítulos a seguir.

No primeiro capítulo analisou-se o conceito de midía, destacando modificações desse recurso, que, por meio da tecnologia, se aperfeiçoa e encontra

diferentes formas de atingir grande número de pessoas, influenciando social, cultural e economicamente e determinando as relações sociais e direcionando a sociedade.

Em relação ao segundo capítulo, este apresenta algumas reflexões e implicações da mídia no processo educativo e na formação do sujeito. Destaca na educação a relevância da reflexão crítica para a emancipação e formação da autonomia diante da alienação que a mídia pode exercer. Discute ainda a presença e utilização desses recursos na escola, uma vez que é essencial para a interação e atuação do sujeito com a atual realidade mundial e local, e a relevância dos recursos na disseminação de informação e produção de conhecimento. Destaca também, a interação com os recursos de forma crítica, reconhecendo seus perigos e benefícios na vida contemporânea. Pontua uma formação para a criticidade e autonomia dos sujeitos por meio da educação reflexiva, compreendendo a emancipação e o uso da tecnologia, sendo os recursos, ferramenta de trabalho e não instrumento de alienação.

No que se refere ao terceiro e último capítulo, apresentam-se os dados coletados e as análises diante das questões pontuadas de maneira crítica e reflexiva.

CAPITULO 1

MÍDIA: CONCEITO E ORIGEM

Todos os meios são prolongamentos de alguma faculdade humana- psíquica ou física. A roda [...] é um prolongamento do pé. O livro [...] é um prolongamento do olho. A roupa é um prolongamento da pele. Os circuitos elétricos, um prolongamento do sistema nervoso central. Os meios, ao alterar o meio ambiente, fazem germinar em nós percepções sensoriais de agudeza única. O prolongamento de qualquer de nosos sentidos altera nosa maneira de pensar e de agir – o modo de perceber o mundo. Quando essas relações se alteram, os homens mudam.

McCLUHAN(1969) apud TERUYA(2006, p.48)

Neste capítulo, será discutida a mídia em seus múltiplos sentidos, com o objetivo de entendê-la em sentido amplo. A mídia não se restringe aos recursos tecnológicos atuais: televisão, rádio, jornais, revistas, computadores e outros meios eletrônicos. Partimos da premissa de que mídia são os meios que transmitem informação. Assim, é necessário enfatizar que ela não pode ser limitada aos produtos tecnológicos industrializados, ela vai além da tecnologia eletrônica. Sua definição permeia a subjetividade humana, pois esta também se torna meio, canal para manifestar informações, imagens, comportamentos e cultura, produz e se reproduz neste contexto sócio-histórico-cultural.

Estamos diariamente ligados a essas mídias e não conseguimos escapar delas no nosso mundo globalizado e borbulhante de informações, sinais e mensagens. É inegável o corpo é a base de toda a comunicação e o corpo-mídia faz parte da sociedade de consumo, (FERREIRA, 2008)

Assim, o próprio corpo pode ser considerado uma mídia, pois por meio dele são manifestados comportamentos, estilos, sentimentos, pensamentos, ações, aquilo em que se acredita. O falar e o agir identificam a personalidade, o conhecimento, gostos e preferências. E a forma de compor estes atributos traduz uma imagem e uma ideia de como a pessoa é ou vive. Pode-se citar a relação entre a criança e professor em sala de aula, bem como os pais e as pessoas de seu convívio. São representações com que as crianças se identificam e de quem seguem seus costumes. Estamos sempre influenciando e transmitindo conceitos para os mais novos, por meio das atitudes. Essa ideia de como ser, o que ser, é influenciada, mediada e manifestada pelas imagens, atitudes e comportamentos que permeiam e se estabelecem nas relações sociais, e são pela interpretação subjetiva de cada indivíduo incorporada, traduzida e reproduzida novamente pelos sujeitos no meio social.

1.1 O QUE ENTENDEMOS POR MÍDIA E O QUE ELA É.

A mídia é o meio, caminho para que divulgue uma imagem ou ideia, seja pela comunicação ou interação, ela se expressa com objetivo de transmitir uma

informação, influenciar sobre alguma coisa ou acontecimento e defender um ponto de vista ou uma ideologia.

Conforme Klein (2006, p.80), “a palavra ‘*mídia*’ vem do latim *medium*, que significa meio, canal, conexão entre dois pontos”.

A mídia é a apropriação da pronúncia em inglês do latim *media*, que significa *meios*. Em muitos autores, o termo mídia é utilizado para identificar o recurso pelo qual uma informação é transmitida, ou seja, o canal ou meio de comunicação através do qual se desenvolve uma comunicação. (FERREIRA, 2008)

Com o desenvolvimento tecnológico, esse termo foi utilizado para referir-se aos meios de comunicação de massa, como hoje em dia freqüentemente o concebemos.

Sendo, portanto, o elemento ou a forma de se transmitir, difundir, expressar algo, comunicar-se, e essa necessidade de entrosamento consiste em uma necessidade humana de se relacionar com o outro, construir conhecimento, racionalizar e evoluir.

Essa imagem ou meio, “primariamente social”, seria o próprio ser humano com seus atos, gestos, falas e comportamentos, que através de seu corpo, consegue se comunicar e transmitir opinião, intencionalmente ou não.

O cérebro não toca nada, lembra Minsky, todas as suas operações são totalmente mediatizadas por processos que compreendem etapas complexas e numerosas que o conectam com o exterior. “Nos”, nosso corpo seria uma espécie de mídia, meio, processo, dobra do cérebro. (FATORELLI, 2006, p. 93)

Pross apud Klein (2006, p. 86) assevera que o entendimento surge através da interação entre os sujeitos e estes são mídias. Afirma o autor que “toda comunicação humana começa na mídia primária, na qual todos os indivíduos se encontram cara a cara corporalmente e imediatamente”. E Klein (2006) esclarece que, na mídia primária, existe a necessidade de dois ou mais corpos presente para a comunicação acontecer interativamente, através da voz, de gestos, expressões, ou seja, a única coisa que o homem possui para se corresponder, se comunicar e agir concomitantemente com o outro, o corpo.

Na mídia classificada como secundária, exige-se uma intervenção ou mediação entre os sujeitos da comunicação. Como as paredes das cavernas com os registros e desenhos de antigos habitantes, os papéis, livros, anúncios em outdoors, faixas, “cartas, revistas, jornais”, nas quais o desenho ou a escrita, tem o desempenho de mediador. Afirma KLEIN (2006, p. 85):

A mídia primária corresponde ao primeiro aparato de que o homem dispõe para criar seus vínculos comunicativos: o corpo. Já na mídia secundária implica a interposição de um meio entre o emissor e o receptor. Neste caso a escrita e todos seus desdobramentos são o maior exemplo deste tipo de mídia.

Desta forma, o uso de recursos desenvolvidos pela humanidade atinge os meios terciários, tendo como início a escrita, estes meios terciários são todos os “suportes midiáticos eletrônicos” que exigem a existência de outros dois aparatos intermediários que sejam capazes de codificar e decodificar a informação enviada e recebida, como computadores, televisores, rádios, telefones, CDs, DVDs que carecem de aparelhos que emitem os códigos. Sem os aparelhos receptores que decodifiquem, não é possível acessar as informações disponíveis.

A partir da escrita, iniciamos um processo de virtualização do corpo que alcança seu auge nos meios terciários. Estes, por sua vez, abrangem todos os suportes midiáticos eletrônicos, criando a necessidade de dois aparatos mediadores (um para transmissão e codificação e outro para recepção e decodificação da mensagem) entre emissor e receptor. (KLEIN, 2006, p.85)

Neste entendimento, Klein (2006) identifica e classifica três níveis de mídia e inclui nesta compreensão o corpo como mídia, além dos aparatos tecnológicos considerados atualmente como midiáticos.

Straubhaar (2004) não considera o corpo como meio ou mídia, afirma que a comunicação é o processo de troca de informação, podendo ser primariamente social ou de entretenimento (informativo) e abranger ou não o uso de meios mecânicos ou eletrônicos para a difusão da informação, e apenas quando são empregados esses meios, a comunicação é “mediada” (p.07).

No mundo moderno, caracterizado pelo acesso às mídias de comunicação, altera-se a forma de comunicação social. Thompson (2002, p. 25) defende que a comunicação é uma atividade social que “envolve a produção, a

transmissão e a recepção de formas simbólicas e implica a utilização de recursos de vários tipos”. Explica o autor que os tipos de comunicação normalmente usados na comunicação de massa diferem-se da comunicação entre indivíduos presentes em um mesmo ambiente, estes, quando se falam, suas interações ocorrem de modo recíproco ao emitir e receber informações, enquanto na comunicação de massa “o fluxo de comunicação é esmagadoramente de sentido único” (THOMPSON, 2002, p. 31), direcionado ao público, ainda que possam, seus inúmeros receptores, interagir com o grupo emissor, não é recíproca e nem simultânea essa ação interativa.

Com a tecnologia, ampliam-se cada vez mais os recursos capazes de mediar informações e pessoas, diminuindo distâncias e envolvendo maior público. Os meios de comunicação e as tecnologias de informação estão cada vez mais presentes em nossas vidas e uma parte significativa do tempo é dedicado ao ato de se comunicar e se relacionar entre os sujeitos, trocando informações, conhecendo aprendendo e discutindo acontecimentos, assistindo televisão, ouvindo rádio, lendo, conversando, escrevendo, passeando ou trabalhando.

Apesar do surgimento dos meios secundários e terciários de comunicação, a mídia primária está presente e é de fundamental importância nas relações humanas no que concerne à criação de conceitos, de vínculos, identidade, moralidade, sensibilidade, afetividade, entre outros aspectos que circundam o homem na sua formação.

Esse aspecto da interação humana e humana/natureza não pode ser substituído totalmente pelas mídias secundárias e terciárias; a mídia primária também permanece e influencia nas relações mais próximas, e esta se atenua na medida em que a intensidade das mediações por recursos se sobrepõe.

Percebe-se, atualmente, uma dependência tecnológica eletrônica na comunicação contemporânea: os celulares, a Internet, televisores, entre outros recursos capazes de atingir grandes públicos. Em pouquíssimo tempo, informam-se e divulgam-se acontecimentos de qualquer e para qualquer parte do mundo, rompem-se as barreiras do tempo e espaço torna o mundo conectado e globalizado.

Atingir essa massa implica não somente a informação e o entretenimento, mas também uma dominação ideológica cultural que, atualmente, orienta uma cultura e persuade a população para o consumo.

1.2 A CULTURA MIDIÁTICA E CONSUMO

Ao atingir uma massa de pessoas, a cultura midiática dominante induz a uma verdade dada ou a aderência a uma moda, por exemplo, suscitando nas pessoas a necessidade de consumir para pertencer a uma dada realidade, influenciando, portanto, na construção da identidade dos sujeitos.

Esta manifestação social, devido à ideologia dominante, direciona os sujeitos e os faz culpados pela desigualdade, por sua pobreza, pela situação atual, pois a mídia faz essa referência declaradamente em propagandas (em que aparecem fantoches de animais que desejam comprar um carro e não o podem, por serem bichos, só não compra quem é um animal? logo todos que não possuem o automóvel do ano, são bichos? ou não se enquadram dentro dos padrões sociais?), em propagandas do governo (que apelam para a solidariedade para reparar sua negligência de governar para e com o povo numa democracia mascarada), induz conceitos e comportamentos nos mais diversos tipos de imagens, produções televisivas, cinematográficas e musicais (não se sabe se a arte imita a vida ou se a vida imita a arte), sabe-se que esta realidade permeia a virtualidade ou será o contrário?

Straubhaar assegura que “atualmente estamos na sociedade da informação” (2004, p. 06), e devido a essas transformações da tecnologia e das informações, a circulação de informação e imagens é tanta e tão fragmentada, que se bombardeia com cenas, que, a cada minuto, são superadas com uma novidade ou com um fato extraordinário; quase sempre são expressões de violência, miséria, morte ou apresentam o lançamento de um produto que promete *status*, prestígio, solução para os problemas e comodidades para se viver bem.

No caso da televisão, a velocidade das imagens não possibilita conscientemente “integrar as informações televisivas”, baliza sua compreensão, e essas imagens, segundo Straubhaar (2006, p.113), “não nos dá o tempo necessário para absorvermos adequadamente as informações, deixando pouca chance ou quase nenhuma para a reflexão”.

Para Kellner (2001, p. 84), “uma das funções da cultura da mídia dominante é conservar fronteiras e legitimar o domínio da classe, da raça e do sexo hegemônico”. Assim, sem perceber, os sujeitos são envolvidos em uma dimensão que não condiz com sua realidade, não calcula ou reflete realmente sobre as

causas ou conseqüências, por isso sofrem frustrações, angústias e dominados pela mídia tecnológica têm como retorno uma resposta passiva, mobilizadora de infantilização e não criticidade. Conforme Ferres (1996, p. 58) “aquele que consegue controlar a informação terá grande controle sobre as pessoas”.

Kellner (2001) analisa a importância da criticidade diante das informações e imagens que essa cultura midiática representa.

A cultura da mídia, assim como os discursos políticos, ajuda a estabelecer a hegemonia de determinados grupos e projetos políticos. Produz representações que tentam induzir anuência a certas posições políticas, levando os membros da sociedade a ver em certas ideologias “o modo como as coisas são” (ou seja, governo demais é ruim, redução da regulação governamental e mercado livre são coisas boas... etc). Os textos culturais populares naturalizam essas posições e, assim, ajudam a mobilizar o consentimento às posições políticas hegemônicas. (KELLNER, 2001, p. 81)

A imagem, ou essa ideologia representa e defende os interesses de quem a proporciona ou de quem possui o poder tecnológico. Para Straubhaar (2004), na cultura, a comunicação envolve troca de sentidos através do uso da língua e das imagens compartilhadas por um grupo de pessoas, as quais, “receptoras”, “devem ter papel ativo, filtrando as mensagens através das lentes de sua própria cultura e experiência pessoal” (p.07). O autor atenta para dificuldades sociais, como instabilidade política, ou as relações entre países, ou ainda a mudança de vida, decorrente da exploração da tecnologia midiática.

Esses problemas variam dos efeitos da violência, racismo e sexo na mídia [...] Tecnologias da informação geram cada vez mais preocupação quanto à segurança de emprego, oportunidades mais igualitárias de trabalho, privacidade e saúde no ambiente de trabalho, além a crescente desigualdade entre ricos e pobres. O fluxo da informação através das fronteiras internacionais e a balança do comércio de tecnologias de informação e serviços de comunicação são cada vez mais ponto de atrito nas relações entre as nações. [...] do ponto de vista social e cultural, bem como da perspectiva tecnológica, [...] consistem em um desenvolvimento de grandes implicações. Trata-se de uma mudança fundamental na vida das pessoas, uma mudança cheia de oportunidades e perigos. (Straubhaar, 2004, p. 03)

Se não houver um distanciamento dessa realidade não é possível perceber, muitas vezes, a humilhação a que o ser humano é exposto e a alienação a que é submetido nessa cultura consumista, se não tiver um olhar reflexivo nesta

sociedade, para perceber o quanto se é dominado, excluído, explorado e seduzido, limitando-se, deste modo, seu pensar, agir e sentir o mundo.

1.3 AS TRANSFORMAÇÕES MIDIÁTICAS E TECNOLÓGICAS

Historicamente, os meios de comunicação passaram por vários estágios de incremento, e sua “evolução”, segundo Straubhaar (2004, p. 26), está diretamente ligada às mudanças no contexto sócio-econômico. O autor afirma que a Revolução Industrial tornou possível a produção e disseminação em massa de livros, jornais, rádio e televisão, e que as sociedades mais desenvolvidas presenciam em seu processo de melhoramento “três estágios”: o “agrário”, o “industrial” e o de “informação”. Tais estágios implicam identificar e relacionar as mudanças tecnológicas, econômicas, sociais, políticas, culturais e os meios de comunicação. Mas, esclarece Straubhaar (2004), que não se generalizam estas etapas a todas as sociedades e nem se exige a falência de uma para o surgimento da outra, há sociedades em que elas coexistem e outras que não desenvolverão suas indústrias devido à situação econômica mundial.

Nas sociedades pré-agrícolas, com uma divisão do trabalho baseado na “coleta e na caça”, o “conhecimento ou habilidades” era comunicado verbalmente, portanto sociedades consideradas tradicionalmente orais, com a elaboração de costumes e preceitos “que são passados de geração em geração” (STRAUBHAAR, 2004, p. 28). Já nas sociedades de economia agrária, com o trabalho de extração de recursos, começa a diferenciação de atividades e de profissões específicas, como “mercadores, banqueiros, artesões, doutores, sacerdotes e conselheiros” (STRAUBHAAR, 2004, p. 29), que, entre outras atividades, exigia cada vez mais especialização, e em consequência a necessidade de aprender a leitura e escrita para desempenhar suas ocupações.

No período “pré-industrial”, os livros eram um meio de massa embora limitado devido a sua difícil reprodução e alto custo, além do desinteresse das pessoas que estavam no poder, para que a população lesse. Não havia ainda uma necessidade econômica para que os trabalhadores fossem alfabetizados, e, portanto, a produção dos livros destinava-se principalmente a leitores da elite (2004, p.30).

Já no período da industrialização com o surgimento da impressão, diminuíram os preços, e puderam ser impressos diferentes tipos de livros para inúmeros leitores, influenciando no modo de vida da população.

Quando mais livros começaram a estar disponíveis no século XVI, o impacto foi profundo. Alfabetização e leitura começaram a mudar a maneira pela qual as pessoas pensavam e agiam. [...] Assim, através do século XIX, e começo do século XX, grande numero de pessoas migrou de trabalhos agrários no interior para empregos em indústrias nas cidades. A vida urbana trouxe um numero cada vez maior de pessoas ao alcance dos meios de massa. Simultaneamente, as pessoas estavam ansiosas para obter informações que lhe ajudassem a avançar em suas vidas pessoais. (STRAUBHAAR, 2004, p.31).

No começo do século XX, ainda com a restrição econômica e educacional da maioria da população, surgem as mídias populares como o rádio, a televisão e o cinema, “o rádio foi particularmente importante por alcançar com muito mais facilidade as áreas rurais [...] enquanto os jornais, livros e filmes permaneceram primariamente urbanos” (STRAUBHAAR, 2004, p. 34).

Com a alfabetização, aparece o conceito de “opinião pública” e a perspectiva de moldá-la através dos meios de massas. Uma vez que essa alfabetização era limitada à quantidade de pessoas, mesmo com sua expansão, tinha como especificidade, apenas instrumentalizar os sujeitos e não despertar a criticidade, utiliza-se desse conceito, portanto, para obtenção de apoio em exposições políticas, disseminações ideológicas e ainda com o agrupamento de indústrias nos centros urbanos a migração, das regiões e de trabalhos agrários para as cidades, coloca conseqüentemente, ao alcance dos meios de massa uma crescente população e centralizando a política no círculo urbano, como esclarece Straubhaar (2004) explica que, desde o surgimento tecnológico das mídias, as forças dominantes já direcionavam estes canais, não à formação e à informação do sujeito social, mas sim a sua alienação, e conservação hegemônica.

Conforme a Revolução Industrial tomou velocidade, meios de massa com base industrial, tais como livros e jornais, apareceram e proliferaram. [...] A maioria dos países presenciou o crescimento de grandes jornais urbanos e um aumento da publicação e livros. Entretanto, tanto o analfabetismo como a falta de dinheiro continuaram a limitar a leitura. [...] Assim vemos que a classe social está geralmente conectada ao uso da mídia. A industrialização por

vezes aumenta a estratificação social embora muitas pessoas mais pobres avancem a obter trabalhos industriais, as lacunas relativas entre ricos e pobres aumentaram em muitos países em desenvolvimentos. (STRAUBHAAR, 2004, p.32)

Junto com o surgimento desses recursos, a propaganda tornou-se uma importantíssima ferramenta na influência e persuasão de consumo. Modificando a forma de pensar e agir, ela consegue apresentar informações aos consumidores, que aliada às características econômicas do sistema capitalista, cria a necessidade de consumo para que garantam as vendas ou evacuação da produção, divulgando produtos feitos em grandes quantidades, assim:

A propaganda se ajusta perfeitamente ao crescimento dos meios de massa [...] a economia industrial funciona vendendo produtos gerados em massa para uma massa de compradores. [...] A venda em massa de produtos representou um ponto de saída para a enorme capacidade produtiva que as indústrias modernas estavam criando. (STRAUBHAAR, 2004, p. 34).

A propaganda ascendente torna-se, através da estratégia de mercado, um bom negócio para o sistema econômico, pois influencia e convence ao consumo. Esse recurso midiático é um forte instrumento que atinge e conduz o povo, e que, usando do discurso apelativo e imperativo, parte para a sensibilização da população com supostos benefícios, exalta e divulga produtos e mascara os verdadeiros interesses políticos e econômicos.

Inicialmente, sobre a propaganda, Straubhaar (2004, p. 13) refere-se a uma “homogeneização” de gostos e opiniões por meio de mensagens generalizadas que pudesse atingir o maior público possível de consumidores para que pudesse progredir uma “sociedade industrial de mercado de massa”. E essa capacidade econômica e tecnológica da indústria, comunicação e urbanização se uniram criando um “potencial mercado de massa de consumidores” (STRAUBHAAR, 2004, p. 34), gerando conseqüentemente, uma produção de cultura de massa, cultura baseada no consumo, no ter e em utopias de enriquecimento através de um tipo de trabalho que além de exploratório, enriquece somente os detentores dos meios de produção, como é ainda hoje, nesse sistema capitalista. Com o passar dos tempos foi se adequando às especificidades dos públicos e focalizando a propaganda conforme as características dos consumidores e seus comportamentos

diante da influência midiática, ainda que seletivos, eram seduzidos por seu apelo e negligenciado à livre decisão de escolha do sujeito como é atualmente, pois:

[...] os pesquisadores começaram a se dar conta de que as pessoas eram seletivas em seu uso da mídia e geralmente variavam muito. Seu uso da mídia dependia de fatores como idade, sexo, renda e educação. (STRAUBHAAR, 2004, p.40)

Em relação à audiência, atualmente com o desenvolvimento das tecnologias da informação e um aumento das formas midiáticas diferenciam as mensagens direcionadas a públicos determinados, modificando a economia para favorecer grupos menores até a atingir o indivíduo, pois, “esse fortalecimento do elo de resposta altera a natureza fundamental do processo de comunicação de massa”. (ibid, p.14), logo a cultura e o modo de vida das pessoas neste sistema neoliberal e individualista.

Os anunciantes selecionam a mídia dependendo de quem querem atingir, que tipo de mensagem ou informação eles querem comunicar e os custos envolvidos. [...] Muitas vezes, os anunciantes querem vender produtos que possam potencialmente interessar a todos em uma audiência mais ampla. Ou eles podem querer usar uma mídia de audiência mais restrita se ela tiver um alto impacto sobre um grupo particular que queiram atingir. (STRAUBHAAR, 2004, p. 263)

Assim como os meios de massas se desenvolveram na sociedade industrial, na sociedade pós-industrial, permeada por mídias, continuam também se modificando e crescendo, enquanto ajudam a marcar uma sociedade e uma economia dominante. Para tanto, é preciso compreender os conceitos e ideologias que permeiam a atual realidade global, para que o sujeito se emancipe e não deixe iludir.

1.4 A MÍDIA E A MUDANÇA SOCIO-CULTURAL

Para Straubhaar (2004), na sociedade da informação, que seria um nível elevado do capitalismo, a informação e a mídia se fortalecem junto a empresas, para uma crescente integração global dentro desse sistema econômico mundial. Suas propagandas atingem maior raio de divulgação da ideologia para o

consumo, expansão comercial e familiarização com suas marcas, e produtos afetam os desejos de consumo, bem como a cultura de inúmeras sociedades, e seria esse crescimento da cultura de consumo, o principal aspecto do pós-modernismo. Segundo ele, e para outros autores, o pós-modernismo é a quebra com a modernidade, no pensar, na economia e nas formas políticas que numa era de “determinismo cultural”, na qual significados são estabelecidos pelas comunicações tecnológicas, diferentes ou até oposto da finalidade original ocorrendo uma “fragmentação cultural”. Cada grupo defende o que pensa e há muitos grupos diferentes, estes pensam diferentes, suas experiências, costumes e realidades, são distintas, e “personalizando” a informação e seus costumes, de forma que seja cada vez mais reduzido o número de pessoas ou grupos que compartilham de uma mesma identidade orgânica, fragmentando e enfraquecendo assim as culturas, pois Straubhaar comenta que conforme o pensador francês, Jean Lyotard (1984):

[...] as novas tecnologias de mídias e informação permite novas formas de expressão, criando novas formas de conhecimento e novas formações sociais. Como muitos tipos de grupos podem expressar suas próprias idéias através da proliferação de canais de tecnologias de mídia e informação, a sociedade torna-se mais concentrada em grupos e pontos de vista específicos e menos concentradas em tendências gerais. (STRAUBHAAR, 2004, p. 52)

Percebemos então que as configurações sociais, conforme o desenvolvimento econômico capitalista, seguem tendências para que se dissolvam as culturas, individualizando as forças, exigindo ao mesmo tempo uma diferenciação individual e conseqüentemente a perda da identidade cultural, em favor de uma cultura consumista.

Os meios de massa e as tecnologias de informação são moldados tanto pela tecnologia quanto pela economia. Entender a economia da mídia de comunicações é crucial para entender sua estrutura e seu conteúdo. A propriedade e a estrutura dessas indústrias afetam o modo como elas operam e que conteúdo elas produzem. (STRAUBHAAR, 2004, p. 247)

A mídia tecnológica torna-se, aliada à economia e à ideologia dominante, forte instrumento para disseminação de conceito e cultura, transformando a realidade social junto com as inovações industriais.

A oferta de produtos disponíveis ao consumo sofre mudanças constantemente, mudança essas que garante a novidade no mercado, lançamentos que obrigam o consumo, uma vez que se é valorizado pelo ter e possuir acessórios modernos representa prestígio. Jane Mazzarino (2000, p.57) afirma: “a velocidade da proliferação dos objetos tornam-nos, o tempo todo, ignorantes das novidades”. Vive-se, portanto no auge do consumo nesta sociedade capitalista movida pelo lucro. Esse processo é amparado pela indústria cultural, tem por função condicionar o consumo e impulsionar os modismos.

Sua potência, esclarece Adorno (1995), está na articulação dos “veículos” de modo que limitem a reflexão e a consciência da sociedade colocando em evidência não as pessoas, mas sim os produtos que se devem usar, comportamentos e principalmente o consumo.

Assim, calculada desde a sua concepção em função da comercialização, a produção cultural perdeu o seu sentido; a cultura que, de acordo com seu próprio conceito, não só obedecia aos homens como servia de instrumento de protesto contra a letargia, agindo no sentido de promover uma maior conscientização e, portanto, humanização, passou – a partir do controle social decorrente do planejamento maciço da indústria cultural – a promover exatamente a letargia, pois é do interesse da indústria cultural que as massas permaneçam amorfas e acríticas, que não se emancipem. (ADORNO, 1995, p. 238)

O autor apresenta a televisão como o “principal instrumento da indústria cultural” devido à rapidez que divulga uma tendência de moda, manipula a massa e afirma que “a televisão ocupa esse lugar de destaque não só no nosso meio, mas em todo mundo capitalista” (ADORNO, 1995, p.239). Embora, a televisão seja o principal instrumento, devido talvez a sua condição áudio-visual e por ser acessível à grande maioria das pessoas, é imprescindível para a indústria cultural a ação de todos os meios de comunicação para que alcance seus objetivos.

[...] que seus veículos se articulam de tal forma que não há espaço entre eles para que qualquer reflexão possa tomar ar e perceber que o seu mundo não é o mundo” diz Adorno (televisão, consciência, e indústria cultural (p. 346/347). Quer dizer, é o conjunto de todos os seus procedimentos (cinema, televisão, rádio, revistas ilustradas e histórias em quadrinhos), na sua harmonia, que se forma o clima da indústria cultural. (ADORNO, 1995, p. 239)

Assim as tecnologias de distribuição e de produção em massa renovam os meios portadores dessa informação, expande radicalmente, no sentido de atingir a população. “Sempre que a tecnologia avança e as técnicas industriais para seu uso eficiente se aprimoram os custos de criação, reprodução e distribuição dos meios de massa caem como um todo” (STRAUBHAAR, 2004, p.254). Conseguem diminuir os custos e vulgarizam em curto tempo, os modismos, influências ou tendências informatizadas, resultando com freqüência o desuso de equipamentos tecnológicos, os quais são substituídos por mais avançados, menores e multifuncionais (Como os discos, fitas, CDs, DVDs, *pendrive*, cartões de memórias, bem como seus respectivos aparelhos), ou ainda desenvolvendo aplicativos para aparelhos cada vez mais funcionais como celulares e câmeras fotográficas.

O desenvolvimento tecnológico gera novas formas de mídias, logo na sociedade existem vários tipos de comunicação, e as intenções, dessas instituições são caracterizadas pelo contexto onde atuam e o seu papel político e social.

A mídia certamente ajuda a integrar o povo nas ideologias básicas, idéias e consenso de suas sociedades. As sociedades trabalham mais harmoniosamente quando a maioria de seus membros compartilha certas idéias e suposições. Muitos líderes de nações, movimentos e religiões querem usar idéias ou ideologias para convencer o povo a aceitar ou mudar coisas. (STRAUBHAAR, 2004, p. 271).

Ainda Straubhaar (2004, p. 264), esclarece que “os meios de massas mudaram o processo de transmissão de valores e socialização” Esse modo de instruir, ensinada por atos e relatos, modos e costumes que pequenos povoados tradicionalmente vivenciavam, foram cedendo espaço às mídias e atualmente países de todo o globo podem ouvir da mesma história, e divulgar seus costumes e ideologias a nações, aquele que possui, além de tecnologias, ambição de conquistar novos povos e impor sua ideologia, seja por filmes, livros, novelas, programas e outros. Para Straubhaar (2004, p.283): “Uma das mais importantes funções da cultura humana é permitir que passemos idéias, valores, técnicas e conhecimentos de uma geração para outra”. E a mídia está envolvida nesse processo, a principio o entretenimento e a transmissão de valores seriam o principal atrativo dos meios de massa seguido logo pelos serviços de informações.

Quase toda a mídia esta envolvida na função de transmissora de valores. [...] A mídia orientada para o entretenimento pode ser ainda mais importante na função de transmitir valores, pois ela é narrador de historias das sociedades modernas. (STRAUBHAAR, 2004, p. 285)

Loureiro (2003) aponta um anestesiamiento devido ao simbolismo presente na indústria cultural, que causa uma passividade diante das imagens e idéias apresentadas. Afirma:

Em vez da formação de indivíduos autônomos, capazes de atuar de forma critica e emancipada na sociedade, a produção e reprodução dos bens simbólicos pela indústria cultural, a rigor, são co-responsáveis pelo processo de formação de individualidades anestesiadas. (LOUREIRO, 2003, p.59)

Isso se dá devido à *estaticidade* racional diante das imagens e aderência aos costumes disseminados pela mídia tecnológica, para que sintam-se conforme o que está em curso entre os sujeitos, logo, ser consumista.

1.5 INTENSIFICAÇÃO E ATROFIAÇÃO DOS SENTIDOS

Conforme Adorno (1985, p.114), a indústria cultural, por meio das tecnologias midiáticas domina e infantiliza. Em muitos momentos, não se é, nesse mar de imagens, capaz de perceber a irracionalidade em que se encontra, a individualidade, o ter, torna os sujeitos insensíveis demais para perceber certos acontecimentos a sua volta ou conseqüências de atos, principalmente quando se omite e se cala diante dessa dominação.

Sob o poder do monopólio, toda cultura de massa é idêntica, [...] os dirigentes não estão mais se quer muito interessados em encobri-lo, seu poder se fortalece quanto mais brutalmente ele se confessa de público. A verdade de que não passam de um negócio, eles a utilizam como ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem. [...] a racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada a si mesma. (ADORNO, 1985, p.114)

Klein (2006) atenta para a intensidade de informações que rodeiam e as mais variadas formas de imagens, que intensificam alguns sentidos específicos.

A realidade dos grandes centros urbanos permite afirmar a vivência de uma sociedade da informação, e as próprias roupas tornam mídias que divulga uma marca, um estilo.

A intensificação do sentido da visão faz-se sentir no cotidiano da vida urbana das grandes cidades, em que as mensagens publicitárias não dão brechas para a fuga do nosso olhar. Outdoors, painéis eletrônicos, cartazes, panfletos, placas, pichações e até mesmo anúncios cobrindo prédios inteiros, converte a cidade em uma espécie de mídia total dentro da qual todos com nossas roupas midiáticas somos unidades de informação publicitária. À medida que os suportes tecnológicos da imagem avançam, nossa vida parece cotidianamente mergulhar em um oceano de informações. (KLEIN, 2006, p. 79)

A sociedade oral torna-se sociedade visual, as pessoas têm pouco tempo para falar de si próprio e quase sempre não têm tempo para falar com familiares e amigos; há muito, pais não brincam com seus filhos e quando estão ocupados, não querem ser incomodados, mandam as crianças assistirem à televisão ou jogar game. Afirma Klein (2006, p. 132), “não podemos esconder que os inúmeros suportes tecnológicos de comunicação não podem garantir vínculos humanos aprofundados”, deixando de realizar atividades extremamente importantes para o vínculo entre pais e filhos, dificilmente contam histórias, narrativas que não são ilustradas, pois existem atualmente recursos como os DVD's. Empobrecendo os vínculos e a transmissão de valores, essas interações e trocas influenciam nos relacionamentos e realizações pessoais futuras, atenuando a capacidade de se relacionar, partilhar, sentir e sensibilizar mais intimamente com as pessoas que o rodeiam, é dado tudo pronto e acabado é só assistir, não precisa inventar uma história, ser criativo ou imaginar a criança só precisa apertar o botão.

Faz-se necessário estar atento às novidades, ter um olhar seletivo e crítico fazer bom uso das tecnologias de modo que não se acomode ou limite em apenas ver as imagens, mas de buscar sua compreensão, perceber além do que ela apresenta, saber seus interesses a quem está favorecendo ou prejudicando, que imagens quer preservar ou que comportamentos despertar.

Esta realidade tecnológica estimula principalmente os sentidos da visão e audição, conforme esclarece Klein (2006, p.100), que:

A inserção e disseminação dos meios eletrônicos ao longo do século XX se fizeram com a extensão de apenas dois de nossos sentidos: a audição e a visão. A extensão dos órgãos sensoriais que lidam melhor com a distancia representou um atrofiamento dos sentidos da proximidade, [...]. De fato nossa cultura ocidental, [...], tem problemas cada vez maiores para gerar vínculos táteis na comunicação social.

O ritmo do corpo não é o mesmo da máquina, o que submete o corpo a uma violência, por desrespeitar o ritmo biológico ou natural. “À exigência pela maior velocidade das máquinas corresponde a nossa exigência de um tempo social mais veloz”. (Klein, 2006, p.119).

Se a tecnologia vem para minimizar os esforços humanos no sentido do trabalho, para que trabalhando menos, ter-se-ia mais tempo para o lazer, acabou o homem sendo escravo de sua própria criação e desenvolvimento, e se identificando cada vez mais, em seus comportamentos e relacionamentos com as máquinas, invertendo-se os papéis de produtor/ criador e produto/ criatura.

Thompson (2002, p. 77) descreve que o desenvolvimento dos meios de comunicação interfere nos padrões tradicionais de interações sociais e cria novas formas de relacionar-se socialmente, exigindo um novo comportamento com o outro e com o mundo por causa da:

Complexa reorganização dos padrões de interação humana através do espaço e do tempo [...] o uso dos meios de comunicação proporciona assim novas formas de interação que se estende no espaço (e talvez também no tempo), e que oferece um leque de características que as diferenciam das interações face a face.

A individualização dos modos de vida e dos comportamentos é reforçada pela mídia. Conforme Lipovetsky (2004, p.70):

A imprensa, o cinema, a publicidade e a televisão disseminaram no corpo social as normas da felicidade e do consumo privados, da liberdade individual, do lazer e das viagens e do prazer erótico: a realização íntima e as satisfações individuais tornaram-se ideais de massa exaustivamente valorizados [...], a mídia funcionou como agente de dissolução da força das tradições e das barreiras de classe, das morais rigoristas e das grandes ideologias políticas. Impôs-se como nova e legítima norma majoritária o viver aqui e agora, conforme vontades próprias.

Os avanços tecnológicos aumentam a disponibilidade de equipamentos eletrônicos, aumentando a individualização do uso, equipando cada

residência com aparelhos, impossibilitando a interação familiar, o partilhar e o respeito entre os indivíduos.

Essas tantas tecnologias permitem uma maior dessincronização das práticas, mais possibilidades para cada um escolherem os seus programas e libertar-se das limitações coletivas ou semicoletivas (família) de tempo e espaço. (ibid, p.71)

Ramos-de-Oliveira (2003, p. 298), reconhecendo que essa sociedade é atravessada pela informação e pelas imagens, afirma: “esta é a sociedade das imagens, reflexos de determinadas relações sociais e quanto mais imagem vemos, mais deixamos de enxergar a realidade”.

Adorno (1985) acredita que a indústria cultural conserva-se como indústria do lazer, pois “seu controle sobre os consumidores é mediado pela diversão” (p.128), mas dissimula e reproduz apenas as relações de trabalho afirma o autor:

A verdade em tudo isso é que o poder da indústria cultural provem de sua identificação com a necessidade produzida, [...] A diversão é o prolongamento do trabalho sob o capitalismo tardio. Ela é procurada por quem quer escapar ao processo do trabalho mecanizado, para se pôr de novo em condições de enfrentá-lo. Mas ao mesmo tempo, a mecanização atingiu um tal poderio sobre a pessoa em seu lazer e sobre a sua felicidade, ela determina tão profundamente a fabricação das mercadorias destinadas à diversão que esta pessoa não pode mais perceber outra coisa senão as cópias que reproduzem o próprio processo de trabalho. (ADORNO, 1985, p.128)

O mundo real se perde na virtualidade confunde e prejudica, conduzindo o ser humano, num distanciamento dessa realidade, a desanimar na conquistas de ideais em comum, pois não consegue projetar conseqüências futuras, é tudo individual, imediato, pronto e acabado.

Adorno (1985) concebe o homem como ser indissociável de sua realidade social, ele é reflexo de suas condições sociais, numa sociedade de classes. Esse sujeito é obviamente dominado e induzido ideologicamente a se manter na incapacidade de racionalizar e se manifestar nessa realidade consciente, reflexiva e criticamente para contrapor a dominação.

A naturalização dos homens hoje em dia não é só dissociável do progresso social. O aumento da produtividade econômica, que por um lado produz as condições para um mundo mais justo, confere por outro lado ao aparelho técnico e aos grupos sócias que o controlam uma superioridade imensa sobre o resto da população. O indivíduo se vê completamente anulado em face dos poderes econômicos. [...] Desaparecendo diante do aparelho a que serve, o indivíduo se vê, ao mesmo tempo melhor do que nunca provido por ele. Numa situação injusta, a onipotência e a dirigibilidade da massa aumenta com a quantidade de bens a ela destinados. [...] A enxurrada de informações precisas e diversões assépticas desperta e idiotiza as pessoas ao mesmo tempo. (p.14 e 15)

O comportamento do homem, consumista e individualizado, na modernidade evidencia os impactos que a tecnologia e a mídia desenvolve em nossa convivência cotidiana. Segundo Contlor e Martigoni (2007) em seu artigo, faz referência à obra de Bauman (2001), que intitula sua obra “modernidade líquida” como referência à sociedade atual. No artigo se esclarece que, se é “líquida” devido à comparação com a “inconstância e mobilidade” (p. 2), que a sociedade apresenta suas transformações e direcionamentos facilmente conduzidos por imagens e opiniões lançadas e que regem o modo de pensar e agir, tornando “comum” as instabilidade e leviandade desse agir, comportam como ondas que se manifesta conforme a força dos ventos. Cria concepções conformistas, que enfraquecem as lutas coletivas para um bem além do individual.

Conciliar esse individualismo com os interesses coletivos é um desafio para o mundo contemporâneo e, também uma das tarefas mais difíceis, pois as instituições de valores do passado, elos que entrelaçavam os projetos individuais aos coletivos, são referências estranhas à fase líquida da modernidade em que cada um por si tenta capacitar-se para as incertezas do futuro. (LOR; CONTE; MARTIGNOM, 2007, p. 6)

A administração dessa sociedade impede a emancipação do homem, que por meio da indústria cultural e os meios midiáticos que direcionam e ditam comportamentos. Nesta os sujeitos são infantilizados, promovendo a dominação e impedindo uma formação para a autonomia, independência no pensar, julgar e decidir conscientes. Essa emancipação é o homem se libertar das opressões impostas no social por um grupo dominante, é ter uma postura crítica a respeito dessa sociedade e dos fatos que ocorrem nela, é ser capaz de exercer

uma autonomia de pensamento sem precisar de outras pessoas direcionado sua vida, seu agir reproduzindo conceitos estabelecidos.

Contudo, não se pode afirmar que o progresso tecnológico apresenta apenas fatores de imposições negativas, determinantes nas relações sociais. Talvez aqui o foco dado tenha sido durante seu desenvolvimento, algumas conseqüências no comportamento humano, quanto a sua individualização, alienação e consumo, considera-se também que a disseminação da informação, possibilita ao homem discussões acerca dos assuntos pertinentes das conseqüências e benefícios da tecnologia para sua vida, aponta nas reflexões as possíveis deturpações da virtualidade e realidade no meio social, bem como as mudanças comportamentais. Discutir a mídia e tecnologia pressupõe evidenciar seus mecanismos e tornar consciente seu uso.

CAPÍTULO 2

EDUCAÇÃO E MÍDIA: ENSINAR E APRENDER NA CONTEMPORANEIDADE

A educação tem elos entre o passado e o futuro, entre os sujeitos e as sociedades, entre o desenvolvimento de competências e a formação de identidades. [...] Por meio da educação, só indivíduos e as sociedades se tornam competentes para sobrevivência, para a existência e a convivência. A educação é o resultado do trabalho de milhares de pessoas que, em sua interação ensinam e aprendem, podendo-se considerar uma atividade educativa como uma responsabilidade das famílias, da sociedade e do Estado.

BELLUZZO (2004,p.152)

A mídia, como tratamos no capítulo anterior, está presente em nosso cotidiano e influencia no modo de vida das pessoas por seu caráter simbólico e por exigir novas formas de se relacionar e interagir socialmente, gerando novos costumes, hábitos, conhecimentos e educando os sujeitos, pois determina valores, moda, tendências, dissemina cultura e informações. A mídia eletrônica interfere na comunicação da mídia primária presente nas relações e interações sociais, na formação do homem.

Considerando a educação como um meio que direciona o sujeito a refletir e compreender sua realidade, seja ela formal ou não, e que compete também à escola, instituição histórica, o despertar e induzir o aluno ao agir no tecido social. Essa mesma educação, capaz de emancipar, pode também alienar, se ela não for com a intencionalidade de tornar os sujeitos autônomos e críticos. É por essa razão que se faz necessário refletir as interconexões da mídia e educação em nossa realidade, pois ambas fazem parte da formação e transformação da sociedade, logo dos sujeitos contemporâneo.

Contemplar a mídia no sentido descrito no início do trabalho, como meio de transmissão de informação, que influencia, no ser e agir dos sujeitos, leva a considerar do mesmo modo que a comunicação presente no processo de ensino e aprendizagem, não apenas a escrita, como também o falar, comportamentos, imagens e sons, sofre mudanças e interferências com essas inovações dos recursos tecnológicos, e altera as relações no processo histórico, redefinindo as práticas educacionais. Contribuindo com esta reflexão, Guareschi (2005, p.14) afirma que:

Não há possibilidade de uma sociedade sobreviver e se reproduzir, material e socialmente, sem a existência de instituições, processos, práticas ou mecanismos que estejam ligados direta ou indiretamente à educação.

A educação está presente na vida do ser humano, e a vida em sociedade exige trocas. Essa simples necessidade de relacionamento implica uma intencionalidade de convencer o outro, logo um ato educacional. Almeida (2001, p. 92) elucida que:

Nossas ações sociais estão sempre cercadas do caráter de convencimento. Por isso pode-se dizer que todos são dotados de um

certo “educere” (tirar de um lugar para levar a outro). As ações humanas de convívio estão carregadas de intencionalidade “convencedora”. Mesmo que se pense nos atos aparentemente mais distantes do educativo, como os amorosos, micropoliticamente são atos de envolvimento, sedução, educação.

O ser humano, ao longo da história constrói-se, pelos atos de sobreviver, criar, desenvolver e educar. Esta última é uma característica bem acentuada, pois refere-se ao modo de pensar e de compreender a realidade em que vive. Essa ação de mudança e transformação resulta da capacidade de racionalidade. Ao fazer uso da razão, o homem, emancipa-se, pensa por si mesmo, e pode superar sua situação de sujeito administrado imposto pela semicultura, pois como assevera Ramos-De-Oliveira (2001, p.26);

Como a configuração de nossa sociedade num bloco fechado de administração das vidas, dos pensamentos e dos sentimentos de todos nós vai se fortalecendo a cada período sucessivo, acaba-se por endurecer a capacidade de sentir. [...] Portanto, a Indústria Cultural e sua contrapartida, a semiformação, constituem-se como as atuais oposições aos esforços de educar. Assim, a escola não pode continuar indiferente a este mecanismo monstruoso que vai, pedaço a pedaço, conquistando as almas.

O homem, ao pensar por si, passa a se comportar seguido por seu julgamento e intenção, por pensamentos próprios, construídos a partir de seu conhecimento e experiências. Suas atitudes e comportamentos são constituídos conforme a realidade que vive; dialeticamente, ele sofre influências do meio, bem como o modifica também. Suas reflexões são estimuladas e provocadas a partir de uma consciência, real e legitimada, despertada pela razão. O estado de consciência é possibilitado por uma reflexão racionalizada que esclarece a sua ação, permitindo uma consciência, uma análise das intenções das conseqüências de atos ou do seu modo de agir socialmente. Para Caviocchioli, (2008, p.14)

O homem se diferencia dos demais animais por ser um ser pensante, ou seja, ter potencialmente capacidades racionais. Além disso, ao invés de se adaptar à natureza, a transforma, tanto para sua subsistência tanto para o conforto e aprimoramento de técnicas

A produção de conhecimento sistematizado e racionalizado, a bagagem constituída com o passar do tempo, as inovações e técnicas que o sujeito

adquire e conquista, por meio de estudos, registros e pesquisas apresenta quão distinto é, embora muitas vezes o homem torna-se o próprio da sua espécie cativo, sobrepondo seus interesses e forças oprimindo, na disputa do poder, riqueza, e domínio.

Alerta Ramos-De-Oliveira (2001, p. 24) que o perigo maior da administração e infantilização do homem se dá pelos mecanismos como a mídia que alastra verdades e conceitos para a uma formação da semicultura:

[...] no entanto, não é exatamente o conteúdo desse bombardeamento de verdades – o mais perigoso é a forma dessa inundação incontida. Por trás dessas mensagens aparentemente inocentes instala-se e se fortalece um conjunto de práticas de pensamento extremamente falsas. Constrói-se uma mitologia moderna. E [...], essas práticas vão se fortalecendo como práticas tornadas comportamento habitual, vão se enraizando na nossa maneira de pensar e de sentir, em nossa maneira de ser.

Uma educação para a emancipação seria uma possível forma de esclarecimento e condução à autonomia, e que desde o início de sua vida, seja na família, seja na sociedade, seja na escola, onde passa grande parte da sua vida e onde são ensinados os saberes sistematizados por profissionais capacitados a isso, a criança deve ser respeitada, tendo uma formação para a autonomia ciente dos mecanismos sociais de controle, de modo que sua educação, formal e não formal, interaja com sua realidade social amadurecendo-a e dando liberdade em seu comportamento no mundo, deixando de ser infante ou sem voz.

A educação passa a ser considerada a forma de tornar a criança um adulto racional maduro, pronto para conhecer o mundo em que vive. É quando o conhecimento e a ciência passam a ter importância determinante na forma de pensar a vida em sociedade. (SILVA, 2007, p.22)

Se a educação apenas reproduzir (ensino tradicional, educação bancária) em vez de produzir conhecimento, torna-se também um meio, uma ferramenta para possível alienação, seja no caso do Estado ou outra instituição, como Igrejas, que aplicará uma formação conforme sua ideologia. Ao concentrar o ensino em benefício de uma elite, classe ou Estado, a educação passa a ser um meio que determina a manutenção de uma sociedade hierarquizada, disseminando ideologias, limitando e direcionando o saber e contribuindo para uma sociedade

administrada. Como ocorre no ensino tradicional que reproduz e direciona o conhecimento de modo a satisfazer os rumos do capitalismo, 'capacitando' mão de obra, já que o conhecimento oferecido serve apenas para desempenhar uma função, e por meio das tecnologias midiáticas, gera-se a necessidade de consumo para que gire e funcione esse sistema de lucro, desigualdades, exclusão e ilusão.

Um saber mais rigoroso, científico, crítico e teórico acaba sendo acessível a uma minoria, quando dão continuidade aos estudos, em uma universidade ou podem pagar um ensino de melhor qualidade. "A educação é o propósito da vida humana" declara Ikeda (2006, p.17), e que a alienação por meio da educação deve ser combatida, a educação não pode ser uma ferramenta de manipulação. Segue Ikeda (2006, p. 17 e 18), evidenciando que a autonomia deve ser consequência da educação;

[...] de acordo com a filosofia ética de Kant, que insiste que devemos respeitar a autonomia das outras pessoas e que os seres humanos jamais devem ser usados como um meio para se atingir um fim. Aprender é o exato propósito da vida humana, o fator primordial no desenvolvimento da personalidade e que torna os seres humanos verdadeiramente humanos. Entretanto, o desenvolvimento da personalidade tem sido consistentemente reduzido a uma posição subordinada e visto como um meio para se atingir outros fins. Essa perspectiva tem prevalecido no mundo inteiro por toda a história moderna e, particularmente no século XX. [...] Tratar a educação como um meio em vez de um fim reforça a visão utilitária da própria vida humana.

É, portanto, importante uma educação crítica e consciente de sua intencionalidade, que visa à emancipação e à autonomia humana e que respeite a criança e seu desenvolvimento, e ainda que considere essa educação como caminho para a reflexão.

A informação ou o saber é o que destaca sujeitos no meio social, e que, segundo Ikeda (2006, p, 18) "não há dúvidas de que a revolução da tecnologia e da informação tornar-se-á uma das megatendências do século vindouro", e para isso é necessário nos preparar e estar atentos a estas transformações e consciente das relações que ela trará, pois alerta o autor:

Da mesma forma que a revolução da tecnologia de informação tem por natureza o potencial para provocar uma mudança de paradigma na sociedade contemporânea, sua influência contém tanto um potencial positivo quanto negativo. (IKEDA, 2006, p.19)

Sabemos da capacidade midiática em nossos dias, Giroux (1997; 1998) apud Loureiro (2003, p. 84) esclarece que o que está fora da mídia eletrônica é estranho ao cotidiano humano, e que “os meios de comunicação de massa [...] cumprem uma função pedagógico-educativa no momento em que disseminam crenças, hábitos, juízos éticos e estéticos”. Atualmente afirma Guarreschi (2005, p. 38):

A mídia é o coração da sociedade de informação, sob cuja égide vivemos. E a informação é o novo modo de desenvolvimento responsável pela produtividade do sistema capitalista nos dias de hoje quem detém a informação, de modo geral, dentro da mídia, detém o fator central de desenvolvimento.

Pensadores como Adorno (1995,1993), Libâneo (2003), Paulo Freire (1996), entre muitos outros que defendem um saber reflexivo, uma formação crítica e autônoma, acreditam que por meio da educação, pode-se conduzir ao amadurecimento e a reflexões que nos permite compreender as relações humanas. Afirma o professor e Dr. Nivaldo Alves de Souza em seu artigo na revista PHILOS :

A criança é um ser racional, dotado de inteligência, podendo desenvolver, extraordinariamente, essa faculdade, desde que lhe seja assegurado o direito de pensar com sua própria cabeça. [...] O educador tem sempre diante de si uma pessoa humana livre. Isso revela que na ação educadora, é imprescindível a colaboração de dois sujeitos: educador e educando. A educação, em sua íntima natureza, não é uma ação ou atividade externa nem uma arte ou manipulação do mestre. É uma vida interior em processo de amadurecimento e aperfeiçoamento integral, secundada pela ação externa do educador (SOUZA, 2001, p.8 e 9)

Para tanto, a responsabilidade dos educadores neste processo é de fundamental comprometimento com a busca da autonomia dos alunos e de conscientização da realidade social, econômica, política, cultural e tecnológica do país e das outras nações, que local ou globalmente, afetam o modo de vida.

Um trabalho educativo de formação humana nunca termina, seus sujeitos estão sempre em constante aprendizagem, reflexões, construções e reconstruções. Portando a necessidade de compreender as implicações da tecnologia no processo educacional, requer e condiciona a refletir a prática e

redirecionar os trabalhos, fortalece as relações neste contexto, e reconhecer a forte presença tecnológica e midiática no cotidiano. Para tanto, neste trabalho faz necessário evidenciar e discutir, um pouco mais, suas implicações nos processos educacionais de ensino e aprendizagem nos tópicos que seguem adiante.

2.1 APRENDER E ENSINAR NA SOCIEDADE DE INFORMAÇÃO E IMAGENS.

Kant (1958) afirma que o conhecimento depende de como é acolhido e como aprendido sobre algo, essa concepção subjetiva de fenômenos que diferencia os sujeitos no modo de pensar e agir.

Pode-se ser convencido por um ideal, ainda que por diferentes passagens, embora estando todos numa mesma realidade e sofrendo influências que atingem diariamente sua existência, direciona o modo de viver, sentir, conhecer, trabalhar e educar entre outros verbos que poderia ser usado aqui.

As atividades dos sujeitos são como continuação de outra realizada por seus antecessores. Suas escolhas, produção, pesquisas, descobertas culminam no que se é e no que se tem à disposição hoje. Transformam a realidade e se desenvolvem cada vez mais. As tecnologias e meios de comunicação mudarão a forma de viver em sociedade e conseqüentemente a de pensar. Esclarece o autor:

Nosso conhecimento emana de duas fontes principais do espírito: a primeira consiste na capacidade de receber as representações (a receptividade das impressões), a segunda na faculdade de conhecer um objeto por meio dessas representações (a espontaneidade dos conceitos). Pela primeira nos é dado um objeto, pela segunda é pensado em relação a essa representação (como pura determinação do espírito). (KANT, 1958, p. 63)

A forma que se recebe a informação implica como ela pode ser interpretada e utilizada, qual seu significado e importância na vida para cada um. Quando o sujeito nasce são incorporados conceitos tradicionalmente presentes na sociedade, como a concepção de criança, de mulher etc. Implícitas ou explícitas, estas convenções podem ser aceitas ou não como verdades e reproduzimos durante a vida, pois nem sempre se tem à oportunidade de discuti-las e refletir sua veracidade ou suas intenções, e acabamos reproduzindo essas concepções.

O professor quando conta uma história ou apresenta um conteúdo qualquer suscita impressões diferentes nos alunos. Essas diferentes impressões são devido às experiências de cada sujeito, e muitas vezes essa característica, de se manifestar e refletir o seu significado, é sucumbida pelo apelo ao sentimento e estética, em detrimento da razão e seus verdadeiros objetivos. O excesso de imagens e conceitos que a tecnologia midiática apresenta com tal insistência consumista, nos torna inescrutáveis a fatos brutais e nos leva à alienação. O mundo “multissensorial” que a globalização nos proporciona interfere nas relações sociais como de tempo e espaço:

Isso não só proporcionou ao homem um novo modo de relacionamento com seus pares, como lhe impôs um novo modo de perceber o tempo e o espaço, em que este mesmo homem atua. (CARDOSO, 2005, p.73)

Essa percepção de mundo é sentido e revelado nas atitudes, a relevância que se dá para alguns fatos ou aquilo que coloca o sujeito em estado letárgico e de conformação com a realidade é proporcionado e conduzido pela mídia, que permeia nossos sentidos. Esse sentir o mundo implica também as respostas que damos a ele. A estética, tanto na arte como na natureza, é pronunciada nos meios tecnológicos midiáticos, na busca por compreender os sentidos e gostos dos indivíduos.

O estético refere-se aos sentidos do homem e seu deslumbramento. A estética, (do grego *aistheetiké*), segundo Chauí (2008, p.195), significa “conhecimento sensorial, experiência sensível, sensibilidade”. A princípio, o termo se relaciona apenas à arte, igualmente submetida aos interesses capitalistas, transformada em simples mercadoria, para o consumo rápido no mercado, visando ao entretenimento e status social.

Para Loureiro (2003, p.76), “o sentido compreende tanto a capacidade de receber sensações, quanto a consciência que se tem delas e, em geral, das próprias ações.” Elucida que o termo estética surge num “contexto de transformações sociais”, na modernidade. E menciona que:

O nascimento da estética como disciplina filosófica está indissolúvelmente ligado a mutação radical que intervém na representação do belo quando este é pensado em termos de gosto

[...] com o conceito de gosto efetivamente o belo é ligado tão intimamente à subjetividade humana que se define, no limite, pelo prazer que proporciona pelas sensações ou pelos sentimentos que suscita em nós.(FERRY, 1994, p. 36 apud LOUREIRO, 2003, p.79)

A mídia apresenta o caráter sensibilizador de emoções e sentimentos, prazer e entretenimento, em representações nas quais a esteticidade é componente relevante.

Essas transformações são devidas à “ação de poder simbólico”, que ocorre com a “mídiação” da cultura e que “fortalece a crise das diversas instituições tradicionais produtora de sentido como, família, escola, religiões, Estado, culturas locais etc., contribuindo com a constituição de novas instâncias” (CAVICCHIOLI, 2008, p.22), influenciando na construção e afirmação da identidade do sujeito.

Para Araújo (2008, p. 27), “a mídia se tornou na atualidade ponto de referência para a criança na construção de sua identidade”, e que nesse meio social ela se destaca pelo seu desempenho e abarcamento presente nos tipos de interação social do cotidiano contemporâneo. A estética é a forma como é sentida e vista a realidade, e se essa realidade é deturpada, assim serão também as sensações, gostos e preferências. Isto corresponde a uma não reflexão diante do que os sentidos, anestesiados por imagens e sentimentos, se satisfazem na procura do belo e o agradável.

A escola como educadora e espaço de reflexão deve desde o início na formação humana compreender em suas atividades a cooperação na criticidade dos alunos no que concerne a discussões de intencionalidades de programas, projetos, ações, e diferentes imagens que atingem os sujeitos e que são formadoras de opinião, pois:

Considerando assim como Libâneo (1999b), que fazer uma leitura crítica pedagógica dos meios de comunicação é verificar a intencionalidade dos processos comunicativos (de natureza política, ética, psicológica e didática) presente na mídia imagética e informacional, percebe-se a importância da discussão pelos educadores, de um projeto político como pressuposto da ação pedagógica.(LOUREIRO,2003, p.95)

A relevância desse olhar crítico sobre a mídia, sobre seu desempenho na sociedade, são contribuições da análise que Guareschi (2005, p. 9)

faz. O autor coloca a mídia como o “quarto poder” e que o quinto poder capaz de superar essa mídia seriam os cidadãos que, capacitados de conhecimento, desafiam e enfrentam o “quarto poder”, o que seria possível por meio da educação. Ele destaca que entre os direitos humanos, o da informação e o da comunicação são esquecidos, embora essenciais para a participação dos sujeitos na “construção de uma sociedade justa, solidária, democrática e participativa”. (Ibid, p.11) Afirma ainda que:

O ideal seria que a própria mídia desempenhasse esse papel, mas você já viu a mídia educar para uma leitura crítica da mídia? Estamos convencidos que ser cidadãos no século XXI exige um conhecimento amplo e crítico sobre a mídia, sobre sua importância e papel, um conhecimento que, infelizmente poucos de nós possuem. [...] É preciso, então, ter conhecimento e coragem para debater os meios de comunicação social. [...] Uma educação para a comunicação deve oferecer condições para que a comunidade descubra a natureza dos processos de comunicação em que está inserida; ajudar seus membros a desvendar os mecanismos pelos quais a sociedade – ao utilizar os recursos da comunicação – exerce o poder de manipulação; favorecer o exercício de práticas comunicacionais democráticas libertadoras. (GUARESCHI, 2005, p. 9 e 10).

Loureiro (2003) ressalta que a tecnologia midiática na educação apresenta sempre discussões com argumentos insuficientes e incertos, pois, por um lado, se exalta o seu potencial de modernização e contribuição no ensino e aprendizagem, por outro se acentua seu caráter de banalizadora da violência.

Por mais paradoxal que seja, essa aversão se iguala à postura que atribui a essas tecnologias o poder de salvar a educação de seus males: ambas as posições partem de um entendimento da tecnologia como algo em si mesmo, isolado, abstraído do contexto de sua produção e apropriação. (LOUREIRO, 2003, p. 41).

Para tanto, é relevante a intencionalidade consciente do uso da tecnologia no processo educacional, principalmente pela subjetividade que uma informação mediada pode ter, sem uma profunda reflexão acerca do que ela pode representar.

Sabe-se que “Uma imagem diz mais que mil palavras”, este adágio comumente se ouve, mas que imagem? O que é a imagem? Concebe-se, neste trabalho, que a imagem não é apenas o traço das linhas, as cores ou as formas,

mas sim o que ela representa, a sua intencionalidade, seu contexto. Ela pode ser uma foto, um quadro, uma cena, uma fala, atitude, um gesto ou uma ação, que fica no pensamento e leva a inferir novas ações e comportamentos. Assim como a mídia ultrapassa os desenvolvimentos técnicos e eletrônicos, a imagem supera as cores e sons. Nela, manifestam-se os sentidos e é relacionada imediatamente à realidade. Numa busca pela certeza, verdade ou razão, o homem, mídia primária, luta em seus pensamentos e emoções, permeado pelo assédio e apelo das imagens contemporâneas.

Pode-se questionar que “a tecnologia não é para todos”, como afirma Loureiro (2003, p. 48), devido aos recursos de energia, qual ele destaca como principal, a elétrica e sua não acessibilidade principalmente nos países mais pobres, mas que ainda com essa exclusão podemos perceber a disseminação de costumes e ideologias, pois os próprios sujeitos tornam mídias, e seus comportamentos, imagens podem manifestar e reproduzir cultura.

O comportamento do homem torna-se a imagem de novos costumes, como a sua conduta de consumo que certifica a era do consumismo, individualismo e alienação. Neste sentido Loureiro (2003, p. 97) esclarece que;

O acelerado desenvolvimento da mídia imagético eletrônica coloca a escola diante da necessidade de complexificar sua intervenção. Essa mídia não é apenas produtora ou acumuladora de imagens, mas uma das facetas marcantes da configuração mercadológica que a vida cultural e social assume no capitalismo contemporâneo. Em termos hegemônicos, com a promessa de democratização da informação e da cultura ela vem reduzindo o pensamento autônomo.

Uma educação de racionalização e criticidade é o que tornaria o homem resistente e autônomo para conviver nesta sociedade. A auto-reflexão crítica, segundo Silva (2007, p. 96), sobre o próprio sujeito e a reflexão sobre os mecanismos e processos de domínio presente nesta sociedade contemporânea, é o que fortalece a emancipação do sujeito e o enfraquecimento da indústria cultural. O refletir conduz ao esclarecimento e esse deve ser a principal condição da educação, discutir e trazer à luz, evidenciar não apenas a informação e o conhecimento, mas também os meios de informações, suas articulações e intencionalidade. A educação deve conduzir o sujeito à consciência de ser humano, reflexão esta realizada por discussões acerca de sua desumanização e alienação, elucida a autora:

A educação deve ter a função primordial de resistência ao inumano e, sedimentada na possibilidade de tornar o homem humano. À medida que a educação permite a percepção da inumanidade do próprio homem, da barbárie, instaurada na história pelos sofrimentos e traumas, e da sedução que a indústria cultural e o desenvolvimento tecnológico trazem, também mobiliza o pensamento à reflexão para inventar e começar de novo, por uma infância que persiste mesmo na idade adulta. (SILVA, 2007, p.103)

Quanto a essa resistência, Kellner (2008) propõe para a educação um ensino, que, apoiado às diferentes maneiras em que a atual sociedade global interage, manifeste e evidencie esses meios de comunicação. O autor apresenta um modelo de alfabetização para atualizar e que possa instrumentalizar o aluno na interação social. É uma alfabetização crítica para a mídia, que devido às transformações ocorridas exige uma “nova estrutura epistemológica” para essa alfabetização, conclui o autor:

A alfabetização crítica da mídia é uma resposta educacional que amplia a noção de alfabetização, incluindo diferentes formas de comunicação de massa, cultura popular e novas tecnologias. Ela também aprofunda o potencial da alfabetização para analisar criticamente relações entre a mídia e as audiências, informação e poder. (KELLNER, 2008, p. 691).

Com o processo de globalização e desenvolvimento tecnológico, muda as formas e espaços de interações sociais, “em níveis local e global. [...] A vida das pessoas está sendo moldada pelas forças da sociedade em rede.” (KELLNER, 2008 p. 691). Para tanto, discutir suas interferências e tendências neste espaço educacional é uma atividade relevante para a reflexão dos alunos enquanto sujeitos ativos deste contexto e para pedagogos enquanto mentor do processo educacional.

Teruya (2006) esclarece que a mídia tem poder, tanto para educar como para deseducar, devido a sua extensão simbólica que atinge o sujeito, ela afirma : “A mídia, na medida em que exerce influência sobre o universo das pessoas , é um instrumento com o poder de ensinar e educar o povo , mas também de deseducá-lo.” (TERUYA, 2006, p. 47) . Nesta menção, a autora alerta para as propriedades da mídia, confirmando a necessidade de uma intencionalidade ao trabalhar no espaço educacional, apoiada nestes recursos e amparada por uma

reflexão. Compreendendo como esses recursos os meios impressos e os meios eletrônicos como; “livros, jornais e revistas [...] rádio, televisão, gravação em áudio e vídeo, computadores, multimídias, redes telemáticas, robótica, Internet e outros.” (p. 92), que atualmente exige novas formas de interação devido às inovações de comunicações e produção do saber.

As tecnologias da educação, além de serem veículos de informações, possibilitam novas formas de ordenação da experiência humana, com múltiplos reflexos, particularmente na cognição e na atuação humana sobre o meio e sobre si mesmo. A utilização de produtos do mercado da informação [...], além de possibilitar novas formas de comunicação gera novas formas de produzir o conhecimento. [...] Essas mudanças nos processos de comunicação, geram transformações na consciência individual, na percepção do mundo, novos valores e nas formas de atuação social. (BRASIL apud TERUYA, 2006, p.92)

Com a incorporação dos meios tecnológicos de comunicação e sua expansão no cotidiano, atrela-se a mídia o papel “pedagógico-educativa”, quando esta difunde “crenças, hábitos, juízos éticos e estéticos”, ocorrendo por meio das relações sociais.

Segundo Loureiro (2003, p. 84), uma vez que a educação abarca “espaços formais e não formais de ensino e aprendizagem”. Na escola, espaço de reflexão, é onde ocorre a organização e reconhecimento das influências midiáticas, seus impactos e contribuição na formação dos sujeitos.

Uma “leitura” crítica da imagem só poderia se realizar quando diversos saberes sociais (tratados pedagogicamente no tempo e no espaço escolares) se tornam força mediadora dessa aprendizagem. Neste sentido, a educação estética envolveria todo o trabalho escolar. Acreditamos que, dentro de seus limites, a escola pode ser co-participante de um projeto que se realiza a contrapelo das forças de mercadorização da cultura e da vida, nas contradições e fissuras do nosso modo de existência é possível apropriar de outros critérios estéticos que não os que atualmente imperam. (LOUREIRO, 2003, p. 98)

A formação crítica, atribuída à escola, coloca o professor à frente de discutir e esclarecer os mecanismos, romper com costumes da verdade acabada, ser pesquisador e estar a par dos desenvolvimentos e atualizações tecnológicas. A educação almeja o ideal de homem educado, isto é, a condição consciente de

intencionalidade de educar e transmitir suas idéias e práticas aos mais novos, é tomar consciência desse processo de construção de conhecimento, que não ocorre linearmente, e tem espaço e tempo determinado, ou seja, está em um contexto que precisa ser evidenciado e compreendido. Como afirma Newton Ramos-De-Oliveira (2001, p. 21), “Ensinar é exercer atos de comunicação com propósitos definidos. Trata-se de transmitir conhecimentos básicos que formem uma rede de apoios à contínua aquisição e reformulações posteriores.”

2.2 A IMPORTÂNCIA DA MÍDIA NO PROCESSO DE ENSINAR E APRENDER

Compreendendo a mídia nas relações sociais, não podemos ignorar seu comparecimento em nosso cotidiano e presente no processo de ensino e aprendizagem contemporâneo. Suas influências, como enfatizada nas discussões anteriores, permeiam todos os aspectos na formação humana e na construção do conhecimento e cultura.

Com os avanços tecnológicos, inúmeras possibilidades de comunicação e informação emergiram-se, tanto na esfera sócio-cultural como na comercial-ideológica, e as gerações mais novas presenciam e estão em contato de modo mais intenso, fazendo-se necessária essa discussão sobre a criticidade da mídia no contexto educacional.

As tecnologias são ferramentas, à disposição do educador e presente na vida dos educandos. A ação docente, segundo Teruya (2006), presente na educação, implica a finalidade de formação humana e profissional dos alunos. É, portanto, fundamental que a mídia, no processo de aprendizagem, esteja presente, auxiliando na construção do conhecimento.

Desde o principio o homem utiliza-se de recursos tecnológicos para conhecer, descobrir, construir e desenvolver-se, desde o simples uso da pedra para cortar, como na pré-história até o ponto de expandir se campo visual a outros planetas, como fotos tiradas por satélite. Todos estes meios tecnológicos instrumentalizam o homem em seu processo de desenvolvimento e condiciona a novos meios de desenvolver meios de conhecer e explorar. Hoje o conhecimento é difundido por esses recursos, mas também pelo mesmo caminho se difunde a alienação e aprisiona os sujeitos em ideologias, como é perceptível ao longo da

história. O que diferencia a não alienação é o pensar crítico e reflexivo, e principalmente a intenção e o objetivo, ter a mídia como meio para o saber, e não deixar seduzir por suas conotações que aprisionam neste recurso para mero entretenimento consumista e exploratório.

Assim, o uso do computador como máquina de ensinar tornou obsoleto com as novas tendências na educação. O computador passa a ser considerado uma ferramenta educacional, não mais um instrumento de memorização, mais um instrumento de mediação no processo de construção do conhecimento. O uso do computador no ensino deve criar ambientes de aprendizagem com novas formas de pensar e aprender. (TERUYA, 2006, p. 75)

A mídia contribui, portanto no processo educacional, desde que seu uso seja subsidiado por uma intencionalidade de emancipação e autonomia. Sua presença na educação deve provocar maior interação com esse meio, aprofundando as relações presentes com a realidade dos alunos, no sentido de que quanto maior interação, mais se saberá sobre ela. Como por exemplo; a televisão. Como ela se iniciou? Em qual contexto? Seus programas? Intencionalidades? Quem atua por traz dela? Quais suas ideologias? Quais suas interferências no cotidiano e na vida das pessoas? O que as mantém? Estas entre outras questões, são subsídios para uma reflexão em sala de aula com objetivos de opinião crítica, e pensar sobre. Da mesma forma podemos questionar, juntos com alunos, fatos acontecidos, situações da realidade, as revistas, jornais, desenhos, filmes, músicas, literatura, obras de artes e até os livros que podem estar sendo utilizado em sala como recurso metodológico, questionar suas fontes, e quem o narraram. Despertar a desconfiança de uma verdade dada, a curiosidade, o questionamento e a pesquisa como formas de descobrir e conhecer. Propiciando a reflexão, os sentidos e uma autonomia crítica. (KELLNER, 2008; LOUREIRO, 2003)

Para esse panorama se constituir não basta somente um novo projeto de aprendizagem, uma nova metodologia, focado apenas no aluno, deve atender aos inúmeros aspectos presente neste processo de ensino e aprendizagem. Este desafio depende principalmente da formação crítica do professor, pois ele como mediador do conhecimento e da reflexão, terá que desenvolver, a partir da realidade social e seu contexto educacional, junto com os educandos, métodos de ensino que contemple a dinamicidade tecnológica, suas inovações e carências.

Essa nova realidade obriga os professores a se adaptarem ao novo paradigma de conhecimento demandado pelas alterações no mundo do trabalho. Neste contexto o professor deve se apropriar das diferentes linguagens existentes no mundo da mídia, não apenas decifrar os códigos, mas também estar munido de uma interpretação crítica dos conteúdos que circulam nos diversos meios de comunicação. Isto significa reconhecer nas mensagens midiáticas as possibilidades de enriquecer as metodologias didáticas no sentido de ampliar horizontes cognitivos, explorando os mediadores tecnológicos do som e das imagens no processo de apropriação, reprodução e produção do conhecimento. (TERUYA, 2006, p.81)

Guimarães (2004) discorre que na formação do professor o uso das novas tecnologias no cotidiano escolar o caracteriza, não como um especialista de educação para as mídias, mas como, o ‘educador’, “professor do século XXI, que integra as diferentes mídias em suas práticas pedagógicas” (GUIMARAES, 2004, p. 69). Neste sentido, compreende que como nas outras áreas do conhecimento, principalmente na educacional, o profissional tem sempre que buscar capacitações na sua formação continuada, reconstruir conhecimentos e inovar sua práxis pedagógica, conhecendo os recursos que necessita, para agir numa sociedade que faz uso dessa tecnologia. Portanto, a resistência desses profissionais no uso dos meios de comunicação prejudica na formação das crianças, e é importante considerar que a escola é uma instituição capaz de desenvolver a criticidade diante desse cenário midiático e propiciar o uso consciente da mídia.

No paradoxo presenciado atualmente, devido à grande expansão da mídia e junto com ela a informação e o entretenimento, percebem-se as contradições que ela apresenta nesta sociedade. Se por um lado se tem uma intensidade de informações, ao mesmo tempo, não se sabe até que ponto elas são reais e verdadeiras. As afirmações que permeiam a virtualidade atribuem, a informação real, esse caráter utópico e imaginário. É que a realidade e virtualidade se misturam, estão tão atreladas que dificulta a diferenciação do real do irreal. Sendo assim, a sociedade está na era da informação rodeada de recursos midiáticos, tecnologias que mediam e vulgarizam as notícias, mas que oferece um conhecimento incompleto e inacabado aos sujeitos, uma vez que não contempla o contexto e fatores de tal fato apenas o anuncia. A intensidade da circulação de informação não possibilita que os sujeitos racionalizem seus efeitos ou motivos,

banaliza violência, corrupção, barbáries que estão presente socialmente, mergulhando ilusoriamente os sujeitos, e mascarando a realidade.

O que freqüentemente presenciamos são propagandas e reportagens que apelam para o uso exacerbado da tecnologia como garantia de aprendizagem. Muitas até deixam nas entrelinhas que as tecnologias da informática ampliam os sentidos e amplifica aspectos da capacidade ação intelectual. (GUIMARÃES, 2004, p.70).

Um erro, que ocorre é o de acreditar que a tecnologia é milagrosa e que vai acabar com todos os problemas da educação, ou ainda que na sala de aula esses recursos possam substituir o professor, essa idéia é “decorrentes dos paradigmas pedagógicos tradicionais que orientam o professor” (GUIMARÃES, 2004, p. 69), gerando aversão ao uso da tecnologia, em sala de aula, e que ocorre devido à grande exaltação da potencialidade da mídia nos diversos meios de comunicação. A insegurança do professor é real e “esse medo não é em vão, afinal existe um despreparo evidente do professor ao utilizar a tecnologia, e a propaganda divulgada pela mídia reforça mais ainda suas concepções.” (GUIMARÃES, 2004, p. 69). Em contrapartida a autora assevera que:

A competência é um pressuposto desconsiderado ao se analisar o uso das novas tecnologias em educação, visto que não é o uso do de um instrumento mais sofisticado que irá atribuir maior ou menor competência ao professor. (GUIMARÃES, 2004, p.68).

Nesta citação, a autora pontua um fator primordial para o sucesso da educação, que é a competência, a autonomia, do professor. Sabendo disso, não pode se esquecer que as tecnologias são instrumentos que mediam e auxilia nos processos, os resultados dependem de como são empregadas na metodologia de trabalho, ou seja, como fazer seu uso consciente e bem-sucedido.

Moran (1997, p. 8) segue essa compreensão ao defender que os resultados dependeram de nossas intenções e objetivos. Afirma que:

Nossa mente é a melhor tecnologia, infinitamente superior em complexidade ao melhor computador, porque pensa, relaciona, sente, intui e pode surpreender. Faremos com as tecnologias mais avançadas o mesmo que fazemos conosco, com os outros, com a vida. Se somos pessoas abertas, nós as utilizaremos para comunicar-nos mais, para interagir melhor. Se somos pessoas fechadas, desconfiadas, utilizaremos as tecnologias de forma

defensiva, superficial. Se somos pessoas autoritárias, utilizaremos as tecnologias para controlar, para aumentar o nosso poder. O poder de interação não está fundamentalmente nas tecnologias, mas nas nossas mentes. Ensinar com a Internet será uma revolução, se mudarmos simultaneamente os paradigmas do ensino.

Pois se é o homem que faz uso da tecnologia, não deve considerá-lo vítima da mídia, e se ele sofre com os impactos em decorrência das inovações tecnológicas, isso é conseqüência de sua própria ação humana, de sua dominação, de seu desenvolvimento, que, hoje exige um novo paradigma de formação humana, buscando um conhecimento para a emancipação. Considerando, portanto que os avanços tecnológicos trazem, de modo geral, incontáveis benefícios ao homem e para sua reprodução cultural o que é preocupante é seu uso para a dominação e sua discrepante acessibilidade.

Kenski (2008) relaciona a educação com a comunicação, ressalta a importância da comunicação para o social, acrescentando que a comunicação devido às tecnologias, estão em constantes mudanças, que causam a exclusão, pois atualmente a comunicação é mediada por recursos. Aponta que não é possível pensar em um procedimento que eduque para o domínio completo de um recurso, mas que é “urgente compreender a lógica do processo de avanços e suas funcionalidades [...], para oferecer [...] novos modos de atuação para o ensino e a produção de conhecimento.” (KENSKI, 2008, p. 662). Ela esclarece ainda que a atualização, tanto da educação como da comunicação, é oportunizada pelas inovações tecnológicas, ao mesmo em que é exigida uma educação para uma sociedade em plena modificação e como as instituições educacionais são “principalmente, de pesquisas e processos que colaborem para o avanço e criação de novos conhecimentos” (p. 663), elas são promotoras de transformações sociais e tecnológicas.

A contradição se apresenta no próprio âmago das instituições educativas. Há uma sensível defasagem entre as iniciativas de pesquisa e as práticas de formação e socialização para que possam conviver com as transformações postas pela sociedade contemporânea. As instituições educativas sentem dificuldade para incorporar as inovações e avanços nos conhecimentos que ela mesma produz, divulga e oferece à sociedade, contribuindo significativamente para a sua transformação. (KENSKI, 2008, p. 663).

A autora, acredita que essas transformações são oportunidades para o diálogo e disseminação do conhecimento, e que é a partir da interação a apropriação de recursos tecnológicos, com as “redes digitais”, que a educação e comunicação se completam, para Kenski (2008, p.664):

O ato comunicativo com fins educacionais realiza-se na ação precisa que lhe dá sentido: o diálogo, a troca e a convergência comunicativa, a parceria e as múltiplas conexões entre as pessoas, unidas pelo objetivo comum de aprender e de conviver.

A incorporação de práticas que utilizam a tecnologia midiática como os computadores e outros suportes tecnológicos contribui para uma formação e atualização do sujeito na realidade social, mas deve-se considerar o contexto econômico e as possibilidades de exclusão desse sujeito, e desenvolver também, por outros meios, situações que não desampare e nem limite à aquisição de conhecimento na sua formação, devido ao acesso limitado de tal tecnologia.

CAPITULO 3

CAMINHOS METODOLÓGICOS: ALGUMAS REFLEXÕES

O homem é um ser jogado no mundo, condenado a viver a sua existência. Por ser existencial, tem que interpretar a si e ao mundo em que vive, atribuindo-lhe significações significativas da realidade. A essas representações chamamos conhecimento.

JOSÉ CARLOS KÖCHE (1997, p.23)

3.1 MÉTODO

O método, entre outras definições, é um processo investigativo que requer uma rigorosidade e planejamento das fases que compõe a pesquisa. No dicionário (FERREIRA, 2008), encontramos ainda como, “procedimento organizado que conduz a um certo resultado; modo de agir, de proceder; regularidade e coerência na ação”. Para tanto é caminho de investigação com critérios e rigorosidade para que se alcance um fim determinado.

Serapioni (2000, p. 192) elucida que “qualquer método requer um conjunto de regras e procedimentos, que permitem controlar os componentes subjetivos da interpretação”; portanto, sua relevância está em direcionar a pesquisa de modo que evidencie possíveis considerações acerca do objeto de estudo. Oliveira (2001, p.17) corrobora, afirmando que o

Método indica, portanto, estrada, via de acesso e simultaneamente, rumo, discernimentos da direção. [...] O método assinala, portanto um percurso escolhido entre outros possíveis. [...] Não representa tão somente um caminho qualquer entre os outros, mas um caminho seguro, uma via de acesso que permita interpretar com maior coerência e correção possíveis às questões sociais propostas num dado estudo, dentro da perspectiva abraçada pelo pesquisador.

Isso posto, a validade do método, conforme Serapioni (2000), implica a sua adequação e utilidade quanto ao que se pesquisa, na capacidade de melhor resposta ao que se busca, que melhor contemple as finalidades da pesquisa. Afirma o autor que “nosso juízo sobre o valor do método deve ser relacionado à sua fertilidade para nos aproximar da realidade estudada” (2000, p.189). Para o autor, existe uma “complementaridade entre as duas abordagens”, a qualitativa e a quantitativa, e que “a partir do reconhecimento das especificidades de cada uma, é possível identificar de que maneira podem ser mais bem incorporadas ao desenho da pesquisa.” (p. 189).

Os métodos, tanto qualitativo quanto quantitativo, para Serapioni (2000), são de rigorosidade, “nenhuma das duas abordagens é mais científica do que a outra [...]. Uma pesquisa, por ser quantitativa, não se torna objetiva e melhor”. (Minayo & Sanches, 1993 apud Serapioni, 2000, p.192). Conclui o autor; “Enfim,

trata-se de duas abordagens com características bem distintas, mas ambas dentro do mesmo método científico” (p.192)

Conforme Costa (2009, p. 85), “referir métodos qualitativos é referir um estilo de investigar os fenômenos sociais nos quais se perseguem determinados objetivos para dar resposta adequada a problemas concretos”. E a autora continua referindo aos métodos qualitativos afirmando que estes “partem do suposto básico de que o mundo social é um mundo construído com significados e símbolos, o que implica a busca dessa construção e de seus significados” (p.86).

Gunther (2006, p. 207) descreve que o pesquisador “não se deve restringir a resultados frutos de uma determinada abordagem, ignorando ou, até, vilificando as demais, muitas vezes por falta de conhecimento”, mas que :

Enquanto participante do processo de construção de conhecimento, idealmente, o pesquisador não deveria escolher entre um método ou outro, mas utilizar as várias abordagens, qualitativas e quantitativas que se adequam à sua questão de pesquisa. Do ponto de vista prático existem razões de ordens diversas que podem induzir um pesquisador a escolher uma abordagem, ou outra. [...] Em suma, [...], não é decidir-se pela pesquisa qualitativa *ou* pela pesquisa quantitativa. A questão tem implicações de natureza prática, empírica e técnica. Considerando os recursos materiais, temporais e pessoais disponíveis para lidar com uma determinada pergunta científica.

Santos (2009), que discute em seu artigo os procedimentos metodológicos, destacando as técnicas de pesquisa, as tradicionais e também as novas do contexto tecnológicos, enfatiza que “não existe uma abordagem que trabalhe exclusivamente com técnicas estatísticas ou com depoimentos” e explica que a “prática científica dos pesquisadores indica que grande parte costuma se alinhar a uma ou outra perspectiva, sem perceber a promissora possibilidade da união de ambas as estratégias metodológicas” (p. 6), e que atualmente devido as constantes transformações tecnológicas a buscas em satisfazer a respostas da pesquisa, exige a superação de métodos que limite às potencialidades da pesquisa. Elucida que a “complexidade da vida em sociedade e o acelerado processo de transformação exigem atualmente a superação de posturas reducionistas em termos técnicos e operacionais”. (SANTOS, 2009, p. 7)

A metodologia pode apresentar diferentes formas de pesquisas e interação com o objeto de estudo. Para Ohayon (2007, p.137):

A metodologia é a forma de se encontrar os caminhos necessários para o auto-aprendizado em que o indivíduo é agente do processo, aprendendo a pesquisar e a sistematizar o conhecimento adquirido.

Para atingir os objetivos iniciais de um trabalho, utiliza-se de técnicas de pesquisas, seja o método qualitativo, quantitativo ou ainda o misto, pois Santos (2009, p.32) afirma que :

No método misto, a interligação de diversas informações que podem ser comparadas, permite uma maior abertura da perspectiva da investigação e o aprofundamento da análise dos dados. A complementaridade dos procedimentos cria condições mais favoráveis à superação de eventuais distorções e erros durante todo o processo da pesquisa.

Para Santos (2009, p. 32), “como avanços no campo metodológico observa-se, na atualidade, a tendência à utilização de múltiplas fontes de evidências” para melhor compreensão sobre a “natureza dos dados” resultando em “uma situação mais favorável para avaliar se os resultados se adequam aos requisitos de cientificidade esperados”. A autora faz referência ainda à triangulação de técnicas de pesquisa, sendo um procedimento que amplia as perspectivas e integra diferentes técnicas aprofundando o conhecimento sobre o objeto de pesquisa.

A triangulação de técnicas de pesquisa é um procedimento que possibilita a ampliação de perspectivas. Pode-se integrar, por exemplo, num mesmo estudo a pesquisa documental, dados estatísticos, coletados via questionário, e incluir, concomitantemente, a análise de conteúdo de depoimentos colhidos através de entrevistas. Desta forma, a multiplicidade de técnicas pode propiciar um conhecimento mais aprofundado do objeto de pesquisa e um grau maior de cientificidade. Independentemente de que o método escolhido para determinada pesquisa [...] podemos incorporar tanto técnicas quantitativas quanto qualitativas ou ambas as estratégias num mesmo estudo. As técnicas a serem justapostas, no qual cada uma representa formas diferentes de operacionalizar o objeto de pesquisa, podem atuar de forma complementar. (2009, p. 26)

Mas Santos (2009) alerta que “a triangulação de paradigmas ou métodos de abordagem não parece ser uma estratégia adequada” devido à possível confusão, e cita que, no uso “de teorias e pontos de vista teóricos e éticos diversos”, deve-se “considerar as diferenças e incompatibilidades de origem histórica, na base conceitual e epistemológica, e nas implicações éticas, ideológicas e políticas de

cada um desses pontos de vista” (VASCONCELOS, 2007 apud SANTOS, 2009, p.146). E que;

Com efeito, a crescente complexidade da vida social exige uma sólida formação epistemológica e teórica dos pesquisadores e a implementação de estratégias de pesquisa múltiplas [...] Por outro lado, a preocupação em desenvolver métodos mistos está cada vez mais presente no meio acadêmico na atualidade [...]. Nos projetos de pesquisa mistos é estabelecida uma junção de procedimentos quantitativos e qualitativos numa mesma pesquisa. Os dados quantitativos são combinados com os dados qualitativos provenientes de observações, entrevistas ou outro tipo de fonte.

Seja qual for o método escolhido, a pesquisa tem sua importância quando contribui para o conhecimento e para aprofundamento do tema proposto no trabalho. Sua intencionalidade incide em evidenciar, no caso desse trabalho, conceitos teóricos, por meio da bibliografia, e dados da realidade, através da pesquisa de campo, propiciando reflexão e construção do saber numa dada área de conhecimento, neste caso a educacional.

O presente trabalho se fez com base na pesquisa bibliográfica que “é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc.” (SEVERINO 2007, p. 122). Para Köche (1997, p.122), “é a que se desenvolve tentando explicar um problema, utilizando o conhecimento disponível a partir das teorias publicadas em livros ou obras congêneres” e segue Köche evidenciando que essa pesquisa tem por objetivo o conhecimento e análise das “principais contribuições teóricas existentes sobre um determinado tema ou problema, tornando-se instrumento indispensável para qualquer tipo de pesquisa”. Sendo que esta, “pode se realizada independentemente ou como parte da pesquisa de campo” e “busca conhecer as contribuições culturais ou científicas do passado” (CERVO, 1978, p.40). Ciribeli complementa, afirmando que (2003, p. 55) a pesquisa bibliográfica:

[...] é aquela que baseia em livros e documentos, isto é, fontes primárias e secundárias existente em Bibliotecas, Arquivos, Museus, a pesquisa bibliográfica “é um meio de formação por excelência que vem sendo utilizada na área das Ciências Humanas e em outras áreas do conhecimento Científico (p. 55).

Faz-se necessário ressaltar que foi realizada também neste estudo a pesquisa de campo, e esta é realizada para a coleta de dados e suas técnicas, como explica Cervo (1978, p.40), “tem por finalidade recolher e registrar ordenadamente os dados relativos ao assunto escolhido como objeto de estudo”, e conforme Martins (2002, p.36), a pesquisa de campo “corresponde à coleta direta de informação no local em que acontecem os fenômenos”. Ciribeli (2003, p. 55), corrobora dizendo que esta é:

(também denominada Levantamento) baseia se na observação dos fatos como eles ocorrem na realidade e os dados que coleta, que podem ser obtidos por diferentes formas, através de entrevistas, questionários, consultas, depoimentos e registro de ocorrência de determinados fenômenos.

Considerando que “a coleta das informações não se faz ao acaso, mas visa atingir os propósitos específicos da investigação, ou seja, ele ocorre em função da obtenção de respostas ao questionamento existente” (MOROZ; GIANFALDONI, 2006. p. 23-24). Para tanto, essa monografia teve como instrumento um questionário contendo 8 questões (7 questões objetivas com abertura para complementos e 1 dissertativa), com a intenção de evidenciar e aprofundar sobre a compreensão dos profissionais acerca da mídia no processo educativo atual, no que cerne o ensino e aprendizagem e sua influência na vida dos sujeitos do processo educativo, seja na formação crítica dos alunos como na formação profissional de educadores.

Neste sentido, a presente pesquisa é de caráter qualitativo, pois conforme Ciribeli (2003, p.57) “A pesquisa qualitativa se dá quando os dados só fazem sentidos através de um tratamento lógico secundário, feito pelo pesquisador”, e esta se realizou a partir do objetivo de refletir sobre a concepção de professores, neste caso os das séries iniciais, sobre a mídia e suas implicações.

Sua relevância centra-se na constante reflexão que se deve ter sobre o processo de ensino e aprendizagem na sociedade atual devido às constantes transformações tecnológicas que implicam reorientar a prática pedagógica, e exigindo um professor pesquisador e crítico. Sendo assim, parte da inquietação de perceber na realidade educativa pontos concretos, que ajuda discutir o assunto proposto no trabalho.

A discussão do questionário seguirá a ordem das alternativas do instrumento utilizado na pesquisa e as respectivas respostas, seguindo a ordem identificada dos sujeitos apresentados a seguir.

3.2 SUJEITOS PESQUISADOS

Essa pesquisa se direcionou a professores. É necessário, portanto evidenciar neste tópico que os profissionais da educação que responderam a essa pesquisa são de duas escolas particulares o município de Londrina; por coincidência são todas mulheres e serão identificadas por letras A, B, C, D, E e F, para preservar a identidade de cada participante .

A tabela a seguir representa os dados dos sujeitos pesquisados como podemos visualizar abaixo:

Tabela 1 –Dados dos sujeitos da pesquisa

SUJEITO	idade	Anos de atuação	Formação
A	34 anos	19 anos	pós-graduação gestão escolar
B	37 anos	16 anos	graduação pedagogia
C	37 anos	19 anos	pós-graduação pisco pedagogia
D	44 anos	27 anos	graduação pedagogia
E	50 anos	23 anos	formação 3º ano incompleto “magistério”
F	60 anos	40 anos	graduação pedagogia

Percebe-se que atualmente existe uma busca em aperfeiçoar e aprofundar os saberes da formação docente, esta formação continuada é uma necessidade real que se destaca, tanto para o currículo do profissional quanto para a atualização dos conhecimentos e das práticas pedagógicas. A grande maioria dos professores com formação superior buscam uma formação continuada através dos cursos de pós-graduação .

3.3 COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Com base na pesquisa bibliográfica referente ao tema mídia, percebe-se que esta é apresentada como um meio que transmite informação, conceitos, ideologia e cultura.

Conforme alguns autores tais como Baitello (2006); Menezes (2007); Fatorelli (2006); Klein (2006); Ferreira (2008), pautados na teoria de Harry Pross, a mídia pode ser primária, aquela que se define como “O corpo é a primeira mídia do homem, denominada pela teoria da mídia pelo alemão Harry Pross como mídia primária”, é por meio dela, continua a autora, que nos “comunicamos uns com os outros interpretando imagens, gestos, atitudes e movimentos” (FERREIRA, 2008), a mídia secundária aquela em que “um dos corpos envolvidos no processo de comunicação utiliza um aparato comunicativo, como nos meios impressos” (MENEZES, 2006, p. 201), e ainda terciária aquela que “quando outros aparatos se interpõem com o corpo, tudo o que inventaram após o surgimento da eletricidade existindo um aparelho para emitir e outro para receber mensagens” (FERREIRA, 2008). Atualmente o termo foi incorporado como recursos para a comunicação.

Neste sentido, os participantes, sujeitos pesquisados, ao serem questionados sobre a concepção que eles têm sobre o termo mídia, considerando as possibilidades de uma resposta por alternativa temos então as seguintes considerações descritas na tabela a seguir:

Tabela 2 – O que é mídia?

Alternativas	SUJEITO						Total
	A	B	C	D	E	F	
É tudo que transmite uma imagem ou comportamento				X	X		2
são recursos que podem ser utilizados em sala de aula.				X			1
são imagens que interferem positivamente ou negativamente no processo ensino e aprendizagem.			X	X		X	3
São meios desenvolvidos pelo homem através da tecnologia		X		X		X	3

podem ser revistas, jornais, livros, programas televisíveis, desenhos animados.	X		X	X			3
---	---	--	---	---	--	--	---

Entre as alternativas disponíveis, todas contemplam a resposta da pergunta, embora apenas uma entrevistada assinalou todas as alternativas.

Conforme as alternativas expressadas na tabela 2, apenas uma, o sujeito D, afirma que mídia são recursos que podem ser utilizados em sala de aula, ainda que o termo seja considerado por outros sujeitos, sendo revistas, jornais e livros.

Infere-se, portanto, que esta questão evidencia uma concepção de que a mídia, como são comumente considerados apontam para os meios secundários e terciários, expressos nas duas últimas alternativas, são recursos desenvolvidos pelos homens através da tecnologia, como livros e aparelhos eletrônicos e que estes interferem positiva e/ou negativamente no processo de construção do conhecimento, apontado pela metade dos sujeitos.

Afirma KLEIN (2006) que o corpo é uma mídia, ainda que primária, e esta não se anula diante da tecnologia, ele está presente em sala de aula, e por ele se dá a comunicação e interação entre alunos e professores no processo de aprendizagem, portanto devem ser considerados no processo educativo como transmissor, uma imagem ou comportamento, pois manifestam conceitos e imagens, interferem positiva e negativamente.

Há no instrumento de pesquisa um espaço para complemento, caso o entrevistado queira contribuir ou se expressar de outra forma, e nesta questão, três sujeitos complementaram suas respostas definindo mídia como:

São meios capazes de transmitir uma mensagem a um grupo. (SUJEITO B)

É na verdade uma expressão usada para referi-se aos principais veículos de comunicação, utilizado pelos homens: rádio, TV, jornal, revistas. (SUJEITO D)

Um sistema de comunicação social (SUJEITO E)

A mídia vai além dos recursos tecnológicos (materiais/ físicos), como os aparelhos eletrônicos. Nesta apreciação, a mídia pode envolver um conjunto de idéias e reproduzir a alienação, ideologias, informações, mensagens que orientam e

moldam a vida social e influenciam no comportamento do indivíduo. Estes recursos (subjetivos/sociais) compõem junto com os aparelhos de circulação de informação uma força capaz de disseminar uma cultura e definir rumos da sociedade perpetuando a hegemonia dominante e a diferença de classes. Evidencia, portanto, a necessidade de problematizar as diferentes maneiras que a mídia pode atingir, cotidianamente, o sujeito.

Faz-se necessário, então, se dirigir para a próxima questão da pesquisa que se refere à identificação e reconhecimento dos recursos que a mídia tem à disposição e consegue interferir e direcionar os comportamentos da sociedade.

Nesta questão, permeiam-se os aspectos da mídia primárias, secundárias e terciárias, e permite perceber as concepções que limitam a idéia de mídia aos recursos tecnológicos eletrônicos (materiais/ físicos), como podemos visualizar no gráfico abaixo:

Tabela 3 –O que podemos entender por recursos midiáticos?

Alternativas	SUJEITO						Total
	A	B	C	D	E	F	
TV		X	X	X	X		4
Data Show		X	X	X	X		4
Rádio		X	X	X	X		4
São socializadores				X		X	2
Vídeos		X	X	X	X	X	5
Cartaz			X	X	X		3
jornais / revistas	X	X	X	X		X	5
Fotografias		X	X	X			3
Computadores		X	X	X	X	X	5
São informativos	X	X	X	X		X	5
Estimulam a criatividade e espontaneidade			X	X			2
Noticias		X	X	X	X		4
Jogos			X	X	X		3
Filme		X	X	X	X		4
Propagandas		X	X	X	X		4
Internet		X	X	X	X	X	5
A atuação do professor				X			1
Desenho animado	X		X	X			3
Comportamentos				X			1

Percebe-se, nesta tabela, a predominância dos meios terciários como recursos midiáticos e de certo modo, por parte dos entrevistados, receio em

concebê-los como benefícios na educação ao considerá-los pouco estimuladores e socializadores, ainda que afirmam serem informativos.

Teruya (2006) esclarece que o uso da informática e da multimídia é relevante no desenvolvimento de “habilidades intelectuais no mundo contemporâneo” e o professor deve em sua prática observar produções referentes ao conteúdo que se está trabalhando e o aluno se torna “crítico na medida em que incorpora um novo comportamento na sociedade”, defende que a necessidade de ter os recursos tecnológicos no sistema de ensino serve para a formação do cidadão e diminuir a exclusão social, afirma a autora:

No mundo atual, sem o mínimo de acesso à informática, o indivíduo não é considerado cidadão. [...] A falta de acesso aos instrumentos da informática gera uma camada marginal à sociedade. [...] O contato com o mundo permite estabelecer relações com diferentes formas de pensamento e modos de vida, que induzem à reflexão sobre as culturas. (TERUYA, 2006, p.100)

É relevante a reflexão sobre a utilização e discussão, em sala de aula com os alunos, sobre a mídia e seus recursos, pois estes estão no cotidiano, influenciando e atraindo esses sujeitos, e torna portanto desinteressante e improdutivo insistir em uma prática pedagógica que não contemple a dinamicidade do atual.

A geração da mídia incorporou novas formas de percepção e de pensamento, por isso a sala de aula com quatro paredes, carteiras, lousa e giz tornou se maçante para os jovens seduzidos os pelos espetáculos visuais, rítmicos, sonoros e animadores. (2006, p.101)

Nos comentários desta questão, seguem as afirmações dos sujeitos da pesquisa referente à compreensão dos recursos midiáticos:

São todos os recursos tecnológicos a disposição do professores, que devem usá-los a favor da educação, como ferramentas. SUJEITO D

São ferramentas de apoio para o processo de aprendizagem do aluno. SUJEITO B

É todo e qualquer meio, utilizando a tecnologia através da comunicação. SUJEITO E

Os recursos midiáticos auxiliam na educação na medida em que contextualizam com o que é a realidade do aluno e passa a ser referência na aprendizagem e ponto de partida para discussões e construção de conhecimento.

O inserir e a referência desses recursos, nas aulas, devem ressignificar a compreensão superficial existente, não apenas no instrumento e em seu uso como objeto, mas principalmente ressignificá-lo, profundo e criticamente, em seu potencial de alienação e governamento das atitudes e dos comportamentos sociais

Compreender o papel da mídia na educação implica principalmente a complexidade dos objetivos aos quais a educação se propõe; portanto, a busca por uma emancipação do homem na atualidade infere na autonomia que, este, tem diante da sua realidade. Para tanto, a reflexão é o principal, é o ponto de partida para tentar compreender e reconhecer os mecanismos presentes, para a construção de conhecimento e para ter autonomia nas escolhas. Despertar o sujeito reflexivo e ativo nesta sociedade requer uma educação crítica, intencional e instrumentalizada.

Pensar na contribuição da mídia para a educação exige que se questione sobre a opinião dos profissionais que atuam neste processo, se a mídia contribui no ensinar e aprender. Segue, portanto, o próximo questionamento feito na pesquisa:

Tabela 4 – A mídia contribui no processo de ensinar e aprender?

Alternativas	SUJEITO						Total
	A	B	C	D	E	F	
Sim	X	X	X	X		X	5
Não							0
Às vezes					X		1

Nesta questão, evidencia-se que a mídia contribui para a aprendizagem e o ensino, uma vez que direcionada a esse propósito, e que a vivência dos alunos na atualidade com tantas imagens e informações requer um direcionamento pelos educadores para que seja positiva, na formação dos alunos.

Dos comentários registrados nesta questão, o sujeito E justifica que a mídia contribui às vezes, afirmando que “quando bem planejado com objetivo

pode se tornar um recurso riquíssimo”. Considera, portanto, a necessidade de uma intencionalidade do uso da mídia na prática pedagógica.

Outra professora alerta que a mídia contribui, “desde que seja compartilhado, um ensinar orientado, coordenado pelo professor, pois temos informações demais e dificuldade em escolher quais são significativas” (SUJEITO B). Cabe destacar a importância da atualização e o domínio de conhecimento do profissional sobre a mídia na prática docente, procedendo a uma formação continuada.

E conclui ainda outra professora, ao se referir à influência da mídia sobre os educandos e a necessidade do professor direcionar as informações para que estas contribuam no aprender dos alunos. Comenta que: “os educandos estão em contato com a mídia o tempo todo, sendo influenciado e necessitando de mediadores para saber aproveitar as informações que recebem, a favor de sua aprendizagem.” (SUJEITO D)

Surge então a indispensável compreensão da idéia de como é, para os educadores neste contexto, ensinar. Passemos então para a próxima indagação da pesquisa apresentada no quadro seguinte:

Tabela 5 – O que é ensinar na sociedade midiática ?

Alternativas	SUJEITO						Total
	A	B	C	D	E	F	
É uma atividade que centra-se no professor.							2
É transmitir conhecimentos sistematizados em instituição formal. (escola)							
É proporcionar estímulos para que o aluno construa seu conhecimento.		X	X				5
É auxiliar o aluno em seu desenvolvimento intelectual, social e crítico.							
É atividade que ocorre nos mais diversos ambientes e situações, a qual não só o que falamos, mas também como nos comportamos e os recursos utilizados influenciam nesse processo.	X		X	X	X	X	

A compreensão de que ensinar não está restrito apenas às atividades intencionais da prática pedagógica e que os comportamentos e ações dos sujeitos influenciam e ajudam a construir conceitos e reproduzir a cultura possibilitam diferentes formas de interações. Neste sentido, o professor, por cuja atitude, comportamento e imagem, consegue disseminar e despertar nos alunos tanto a reprodução de suas idéias como a construção de conhecimento, estimula a autonomia e reflexão dos alunos, conforme a reciprocidade, interação e interpretação de cada um na ação comunicativa.

Na compreensão de Boufleuer (2001), é pela comunicação que se é reproduzida a “cultura”, que se refere à apropriação dos saberes, a “sociedade”, que se refere à cooperação entre os grupos que a compõem e a “personalidade”, que se refere à construção da identidade e personalidade individual (p.55 e 56), pautado na perspectiva habermasiana, o autor considera a escola um sistema de ação de “tríplice tarefa”. Defende ainda o autor :

[...] que a educação constitui uma interação que precisa ser coordenada e que suas tarefas de ensino e aprendizagem se relacionam [...], com a reprodução dos componentes simbólicos do mundo da vida: a cultura, a sociedade e a personalidade. (BOUFLEUER, 2001, p. 59)

Aprecia, portanto, na ação comunicativa, uma linguagem voltada para o entendimento, condição “a priori de possibilidade da própria experiência educativa” (p.71). Atualmente, a comunicação, também articulada pelos meios eletrônicos, propõe diferentes interações e reprodução dos componentes interferindo na cultura, sociedade e identidade.

Considerando o ensinar conforme a pesquisa realizada, segue a tabela 5.

A compreensão evidenciada é que a ação de ensinar ultrapassa a de qualidade intencional, ensinar atualmente é uma atividade que ocorre nos mais diversos ambientes e situações, e que ocorre não só o que falamos, mas também como nos comportamos e os recursos utilizados influenciam nesse processo.

Cabe ainda evidenciar uma fala do sujeito da pesquisa que considera que ensinar é proporcionar estímulos para que o aluno construa o conhecimento, afirma: “pois estamos em processo de construção de uma sociedade

do conhecimento com intensiva utilização das tecnologias da informação e comunicação” (SUJEITO B).

Reconhecer que essas tecnologias estão penetradas na vida em sociedade é concordar com Castells (2008, p. 69) que afirma que “a difusão da tecnologia amplifica seu poder de forma infinita, à medida que os usuários apropriam-se dela e a redefinem” e na construção dessa sociedade da informação e comunicação é necessário estimular os alunos para que conheçam e desenvolvam-se diante dessa realidade, pois “as novas tecnologias da informação não são simplesmente ferramentas a serem aplicadas, mas processos a serem desenvolvidos” (CASTELLS, 2008, p. 69).

Ensinar não é só transmissão do saber sistematizado, mas uma experiência a ser construída a partir da interação dos sujeitos dando significados às transformações sociais, e se constroem nesta relação, o conhecimento e a compreensão da realidade em que vive.

Se ensinar é um processo, a aprendizagem está inseparável dele, aprender é fazer uso do ensinado e do que foi compreendido e por em prática contextualizando em sua realidade.

Há de se questionar, portanto, o que é aprender nesta realidade midiática. Passemos para a próxima tabela:

Tabela 6 – O que é aprender na sociedade midiática?

Alternativas	SUJEITO						Total
	A	B	C	D	E	F	
É uma atividade que centra-se no aluno.							
É memorizar os conteúdos apresentados.							
É a capacidade de relacionar com outros conteúdos ou disciplinas.				X			1
É capacidade de transferir o aprendido para novas situações, desenvolvendo assim a criatividade e autonomia.	X	X	X	X	X	X	6
É a experiência de aprender como aprender.				X	X		2

Afirma Belluzo (2004) que aprender não é simples, e é necessário um esforço ativo de quem aprende, segue a autora:

Há necessidade de se entender que aprender é um processo complexo, onde o ser humano deve ser o sujeito ativo na construção do conhecimento, que este somente se dá a partir da ação do sujeito sobre a realidade. (p.150)

Boufleuer (2001, p. 72) considera que o processo de aprendizagem está vinculado à “produção e reprodução de conhecimento” e é por esse processo que a educação insere sujeitos mais novos “no mundo da cultura e da sociedade, garantindo-lhes a formação de sua personalidade e de inserção sócio-cultural”.

Para Mamede-Neves (2008), o processo de aprendizagem é mais que cognição. Ela considera que a aprendizagem vai além do cognitivo, ou seja, além “dos processos mentais usados no pensamento, na percepção, na classificação, reconhecimento”, sendo compreendido de diferentes modos de esclarecimento do termo, afirma que a:

Aprendizagem é um processo que vai além do processo cognitivo, porque não só corresponde a *mudanças estáveis* (mas não imutáveis) *de estruturas cognitivas*, [...], também engloba *mudanças de interesse*, chamadas pelo autor de valências (relação entre região do sujeito e regiões de atração) e, ainda, *mudanças de valores e ideologias*. Autores como Sara Pain (1999) encampam essa compreensão quando concebem a cognição como função precípua do sujeito do conhecimento, englobando três dimensões¹: racional, desiderativa e social.

O processo educativo compreende a aquisição de conhecimento e racionalização, busca a compreensão da realidade e do mundo em que vive, o conhecimento se dá pela interação, troca e vivência entre os sujeitos sociais, na busca por entender sua realidade.

“Aprender é tornar-se pessoa curiosa, entusiasmada, aberta, que saiba motivar e dialogar” (SUJEITO B), afirma a professora da pesquisa.

O aprender, conforme Abreu (1980, p. 9), deve ser significativo e evolvente “como um todo” nas “idéias, sentimentos, cultura, sociedade” deve relacionar com o “universo de conhecimentos, experiências, vivências”, daquele que aprende, e se a atual realidade permeia os recursos tecnológicos insere aqui

¹ (nota da autora) A *dimensão desiderativa* constitui os desejos, as emoções e os afetos do ser humano, subordinada, em parte, à realidade subjetiva. A *dimensão racional* diz respeito à parte cognitiva da pessoa e, de certo modo, subordinada às condições impostas pela realidade objetiva. A *dimensão contextual/relacional* (dimensão social) é o resultado de todas as experiências vividas pelo ser humano desde que nasce, dentro do contexto social e da época em que vive. (MAMEDE-NEVES, 2008)

também a declaração do sujeito D da pesquisa que afirma que aprender nesta sociedade midiática, também, “é saber utilizar os recursos tecnológicos a favor do próprio desenvolvimento intelectual”.

Este ato não se prende apenas a uma transferência de instrução e de conhecimento culturalmente acumulado e sistematizado, mas que, pela contextualização e vivência do sujeito social e histórico, incorpora e ressignifica os saberes, construindo novos conhecimentos, seja evoluindo ou retrocedendo historicamente, uma vez que essa produção não é linear. E que o registro e sistematização, nos permite aprender com o que foi aprendido, ressignificá-lo e refletir nos acontecimentos contemporâneo, e compreender a realidade em que se vive, sendo assim cabe aqui registrar que:

Educar é fazer emergir vivências no processo de conhecimento. O “produto” da educação deve levar o nome de experiências de aprendizagens e não simplesmente aquisição de conhecimento supostamente já prontos e disponíveis para o ensino concebido como simples transmissão. (ASSMANN, 2001 apud BELLUZZO 2004, p.147)

Educar é oportunizar experiências de aprendizagens, como evidencia a citação anterior, portanto no que refere a esta tabela 6, fica evidenciado a importância na educação de uma prática pedagógica comprometida com a formação de sujeitos críticos, criativos e autônomos, para isso o conhecimento deve ser disseminado e discutido, refletido e contextualizado com a realidade midiática da sociedade atual.

Aprender é racionalizar sobre o que está posto e apropriar-se de novas construções a partir do aprendido e ressignificar o contexto em que vive, é se capacitar e clarear o que antes não se via emancipando-se. Aprender é um exercício de reflexão e ação que exige amadurecimento, criatividade e autonomia.

A aprendizagem depende de descobertas e reflexões cada vez mais profundas acerca da realidade e dos mecanismos que nos cerca. Como esclarece Moran (2007, p. 23):

Aprendemos quando descobrimos novas dimensões de significação que antes se nos escapavam, quando vamos ampliando o círculo de compreensão do que nos rodeia, quando como numa cebola, vamos descascando novas camadas que antes permaneciam ocultas à

nossa percepção, o que nos faz perceber de uma outra forma. Aprendemos mais quando estabelecemos pontes entre a reflexão e a ação, entre a experiência e a conceituação, entre a teoria e a prática; quando ambas se alimentam mutuamente.

A aprendizagem depende dos estímulos, do que se oferece, e na educação o ensino em muitas escolas sofre com a falta de recursos materiais e humanos, propiciando uma má qualidade neste processo de ensino. Sabendo dessa realidade, em uma sociedade com avanços tecnológicos, mas que a presente discrepância da utilização desses recursos para fins educativos, no que se refere principalmente a salas de aulas, limita a oferta de uma formação crítica e autônoma sobre as mídias, pois se é pela interação e reflexão sobre a função desses mecanismos que possivelmente desenvolverá uma postura crítica diante dele, o não acesso a esse meio em um local educativo que poderia induzir seu uso consciente, não será pelos meios de comunicação de massa que se emancipará da administração que a hegemonia impõe para a sociedade.

Na próxima questão, percebe-se que a falta de uma formação pedagógica crítica, a qual exige o panorama social atual, contribui para reproduzir um sistema educacional que deixa a desejar quanto na formação e emancipação crítica dos alunos. Pois ao questionar as dificuldades que se tem para ensinar nesta sociedade midiática, percebe-se que a constante transformação exige constantes aperfeiçoamentos, colocando o professor em permanente pesquisa e atualização.

No que refere às dificuldades, a pesquisa apresenta dados que nos direcionam a questionar a formação do professor nas tecnologias e mídias, talvez se possa questionar uma formação crítica em relação a esse tema na academia. Pela relevância do assunto e por se tratar de uma discussão emancipatória que enfrenta com a ordem do sistema econômico e de hegemonia, é preciso uma formação crítica com reflexão mais profunda sobre a mídia (para que se possa compreendê-la e evidenciar seus benefícios e perigos) .

A capacitação para a atuação significativa, como em outros temas ou campos do saber, exige que seja contínua e requer, portanto, nestes tempos, que o professor seja pesquisador e questionador da realidade, para que realizado esse percurso possa conduzir e despertar esse processo reflexivo com os alunos. Como reconhece e complementa a professora, ao se referir às dificuldades de ensinar na sociedade midiática, afirmando que “falta um conhecimento mais profundo, mais

rico, mais amplo em todas as dimensões” (SUJEITO B), e Teruya (2006, p.101) evidencia que o sistema não propicia aos professores essa formação:

O problema mais grave é o sistema de ensino não oferecer condições aos professores, [...], de realizarem cursos que promovam o aperfeiçoamento metodológico e atualização permanente de conhecimento científicos e tecnológicos (TERUYA, 2006, p.101)

Essa afirmação da autora corresponde com os dados da pesquisa, pois estes evidenciam que a falta de formação em relação às tecnologias e de conhecimento sobre a mídia dificulta o trabalho do professor na sociedade atual, que exige cada vez mais autonomia e criatividade dos sujeitos.

Essas questões podem ser observadas no gráfico a seguir:

Tabela 7 – Quais as dificuldades para ensinar na sociedade midiática?

Alternativas	SUJEITO						Total
	A	B	C	D	E	F	
Falta de conhecimento sobre a mídia		X	X	X	X		4
Falta de interesse dos alunos							0
Falta de recursos audiovisuais				X			1
resistência dos professores em relação às tecnologias			X	X	X		3
Falta de formação de professores em relação às tecnologias	X		X	X	X	X	5

Das dificuldades assinaladas, a falta de conhecimento sobre as mídias, e a falta de uma formação em relação às tecnologias e ainda a resistência do uso de recursos em sala de aula apontam para algumas das barreiras que dificultam a conscientização e reflexões sobre algumas das relações sociais cotidianas que são direcionadas e ou influenciadas pela mídia. Esclarece Teruya (2006, p.13) que “o professor deve encontrar o sentido educativo na utilização dos recursos audiovisuais para que o aluno aprenda a selecionar e ler criticamente a linguagem das diversas mídias”, pois segundo a autora a ação do professor tem intenção de formação humana e profissional dos alunos e a atual realidade tecnológica, pede uma nova postura na prática pedagógica nesse processo educativo.

Disciplinado e rígido.						0
Interativo, considerando os conhecimentos prévios do aluno.		X	X	X		3
Estimulador, com metodologias e recursos tecnológicos diversificados.	X	X	X	X	X	5
Deve ser relacionado com a realidade do aluno.			X			1
Deve ser livre para que o aluno pesquise e descubra conforme seu interesse e espontaneidade, de forma crítica e reflexiva os conteúdos direcionados						0

Das afirmações evidenciadas na pesquisa e na tabela 8, o processo que garante uma aprendizagem, conforme os sujeitos, considerando sua experiência na atuação, é um processo que contemple estímulo e métodos diversificados apoiados em recursos tecnológicos e que interaja com a realidade dos alunos.

Para elucidar mais, seguem as falas que complementam a ideia desse processo:

O professor é um facilitador que procura ajudar para que cada um consiga avançar no processo de aprender. (SUJEITO B).

Deve ser organizado e deve ter apoio em boas correntes educativas. (SUJEITO D)

O professor agrega a nesse processo resultados de suas pesquisas e experiências, portanto tem papel decisivo no estímulo e incentivo dos alunos, considerando também as experiências desse aluno dialogando e despertando a reflexão e autonomia. Cabe ainda destacar também a importância de um ambiente organizado estimulador e equipado com esses recursos. São diversos fatores que influenciam no aprender, portanto se requer uma flexibilidade nos planejamentos, uma vez reconhecido que as escolas públicas das periferias e regiões mais pobres não oferecem o básico, como uma estrutura física e materiais, como carteiras adequadas.

Um reconhecimento da importância da conscientização dos mecanismos midiáticos e da crescente necessidade dos domínios tecnológicos para atuação social dos sujeitos nesta sociedade, considerando as facetas que esse desenvolvimento apresenta, questionou se portanto, as possíveis

contribuições positivas ou/e negativas para a formação do aluno, na próxima questão feita às professoras.

Nesta questão, as respostas foram abertas, sem alternativas objetivas, para que fosse expressado sob o olhar dos profissionais as ambiguidades que a mídia apresenta e sua interferência na área educacional hoje, no que cerne a formação dos sujeitos.

Das falas, organizaram-se da seguinte forma os aspectos positivos e os negativos:

A mídia colabora para a diversificação das aulas tornando-as menos cansativo e mais prazerosa, pois afirma a professora...

Podem ajudar-nos a rever, ampliar e modificar muitas das formas atuais de ensinar e aprender. (SUJEITO B)

A disseminação da informação permite, por meio da reflexão, problematização e publicação de conceitos, divulgar produções ajudando na construção de um saber crítico...

A formação de opinião, senso crítico e conhecimento embasado na teoria e na prática. (SUJEITO C)

Permitir através dos recursos maior envolvimento do aluno com o aprender, proporcionando prazer e descobertas...

As contribuições podem ser sempre boas se forem adequadas à realidade do aluno, se o aluno perceber a utilidade daquele recurso no dia-a-dia, se proporcionar a ele prazer em aprender. (SUJEITO D)

Uma vez que estimulam uma reflexão, além de crítica, participativa. Ela facilita e agiliza esse processo aproveitando todo o material que a escola possui aprender passa a ser sinônimo de prazer, aventura e descoberta. (SUJEITO F)

A reflexão e a mudança de comportamento diante da crítica dos conteúdos midiáticos pressupõe transformações não só na área educativa mas também na social com um todo, atingindo a família, a escola, grupos de amigos e até a comunidade, pois muda-se o sujeito.

É uma ferramenta que pode proporcionar quando bem direcionada uma forma de interação entre aluno/professor/ família. (SUJEITO E)

Das falas os aspectos negativos seguem a deturpação de conceitos, prejudicando na limitação de autonomia...

Pode simplesmente interferir, de forma a prejudicar o processo de aprendizagem. (SUJEITO B)

Negativa, quando não conhecida pode-se levar a má conduta do ser. (SUJEITO E)

Negativas quando se apropriam e vivenciam conceitos impróprios a sua idade. (SUJEITO F)

Em sala de aula a intenção do uso do recurso deve estar bem definida, quanto a seu potencial em contribuição para a aprendizagem, para estimular o interesse do aluno e facilitar a compreensão do conteúdo entre outros...

Pode ser negativa (suas contribuições), se for usado como mais um instrumento para deixar a aula diferente, sem vincular este recurso à realidade e ao interesse do aluno. (SUJEITO D)

A compreensão da realidade, ocorre a partir da confrontação do sujeito com ela, resultando no conhecimento, conforme Luckesi apud Boufleuer (2001, p.73), esta realidade permeada pela tecnologia cabe compreendê-la para conhecê-la e se conhecer neste meio.

A administração e o não pensar reduzem o sujeito e sua vida a uma existência alienada e excluída das possibilidades e dos direitos, e ainda reproduz esse modo de viver a outras gerações, dificultando a emancipação do infante.

O conhecimento é, então, entendimento de sujeitos a respeito dos fatos (mundo objetivo), normas (mundo social), e vivências (mundo subjetivo) à luz de um reservatório de evidências, o “mundo da vida”, isto é de um reservatório de interpretações, organizado lingüisticamente e culturalmente dado em tradições. (OLIVEIRA, 1989 apud BOUFLEUER, 2001, p.76)

Ter voz é conhecer a realidade social, cultural, econômica, tecnológica e a ideologia presente nelas, é acreditar e ser incrédulo, seja como for é

tentar escolher por seus próprios pensamentos a partir da razão, um posicionamento consciente diante de tal realidade. Afirma Barros (2004, p.140), “as possibilidades das tecnologias são inúmeras para a educação, tanto nos aspectos metodológicos como no desenvolvimento de competência e habilidades para a produção de conhecimento”, e a partir da interação com e utilização desse meio que pode se compreender a dinamicidade da mídia que vai além dos simples recursos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento desse trabalho há de se considerar, ainda pelo fato de ser o primeiro, uma caminhada de descobertas e desafios que não se encerram aqui, mas que a partir da experiência vivenciada, esta desperta constantes e novas reflexões acerca das atividades, relações e conhecimentos proporcionados pelo percurso realizado.

Acredita-se que as idas e vindas, buscas e descobertas preparam para uma nova forma de conhecer e interagir com o mundo, questionar e ser capaz de compreender o real, ou ao menos sair em busca de respostas para as dúvidas.

Considerando o tema proposto, a presente pesquisa possibilitou compreender várias questões: entre elas o conceito e origem da mídia, suas possibilidades de representações e de intervenções na vida social. Focalizou no primeiro capítulo os impactos de cultura midiática na comunicação e na alienação dos sujeitos infantilizados, que constitui um sistema de legitimação e reprodução da ideologia dominante.

Há que se destacar a importância da comunicação e interação para o ser humano, na construção da identidade, na produção e reprodução cultural, social e científica, e que as tecnologias desenvolvidas influenciam e alteram as formas de trabalho e de produção do homem modificando sua interação, seu agir e pensar com o meio.

Isso posto, surge a necessidade de uma formação crítica e que desperte uma compreensão acerca da realidade e dos processos sociais. Na busca por compreendê-los, os indivíduos esclarecidos possam pensar e agir de modo autônomo, defender seus direitos e construir uma realidade mais igualitária, menos violenta e menos alienada, quanto à exploração do trabalho, à exclusão social e à imposição da cultura dominante de consumo. E que possa fazer uso e dispor dos recursos tecnológicos para o benefício social, disseminação do conhecimento e da informação evidenciando sempre os mecanismos midiáticos de alienação e tornar seu uso consciente.

O desenvolvimento de técnicas altera a natureza ao mesmo tempo em que transforma também as relações do homem com esse meio. A tecnologia reproduz as relações sociais e interfere nos costumes e na cultura da sociedade.

A tecnologia condiciona e capacita cada vez mais o desenvolvimento de inovações, cria mecanismos de reprodução social, como recurso midiáticos atual: TV (propagandas), rádio (músicas), dissemina ideologias, moda, costumes, tendências, influencia-nos ao consumo e direciona nossas atitudes.

Temos que estar atentos a essas tendências e ordens que a mídia nos impõe.

A educação deve ter um propósito. Por ela, se tem a possibilidade de despertar a consciência e a emancipação, através de um ensino reflexivo sobre os mecanismos que interferem na realidade e na vida em sociedade. Portanto, a discussão e problematização dos acontecimentos pressupõem uma conscientização, tanto da alienação a qual se está constantemente exposto e quanto do processo de racionalidade do homem que se faz pelo pensar. E se não se pensa, aceita-se e se reproduz o que está exposto nesta realidade de exclusão, perpetuando a dominação.

Pensar e refletir é buscar a melhor forma de relacionar, aprender e superar a infantilização, é não se deixar administrar por outro, é decidir e escolher. É ter consciência dos mecanismos de alienação presentes em nossa sociedade, a indústria cultural a mídia, que direciona nosso pensar e agir.

A auto-reflexão crítica e a reflexão sobre esses mecanismos e processos de domínio fortalecem a emancipação do sujeito e o enfraquecimento da indústria cultural. Como já foi dito no texto, “e é por meio da educação crítica e reflexiva que podemos emancipar” (SILVA,2007).

Quanto à interação dos recursos tecnológicos na educação cabe esclarecer que ainda há muito a conquistar, em recursos materiais e humanos, mas a intenção de uma educação crítica para a autonomia e para o pensar, já evidencia progressos quanto à emancipação e resistência à passividade e obediência que as diferentes imagens nos induz.

Com a realização da pesquisa de campo, evidenciou-se que na realidade escolar, os professores se apresentam um tanto inseguros devido às

inúmeras possibilidades dos recursos e no domínio de se trabalhar com as mídias. Alguns professores citam a necessidade de um aprofundamento quanto ao tema. A constante referência feita pelos sujeitos pesquisados, quanto ao uso consciente das mídias e a intencionalidade na prática pedagógica, infere a condição de que mesmo, sem uma formação específica quanto às mídias, o trabalho pedagógico ao menos nos casos pesquisados, buscam e está sendo pensado com o sentido de despertar a criticidade e autonomia dos alunos, tendo como apoio as ferramentas tecnológicas midiáticas. Mas percebe-se também que as condições que a realidade exige, falta ainda um aprofundamento desses alunos, quanto as possíveis ligações do poder imagético aliado ao sistema econômico capitalista, a principal fonte de dominação na sociedade atual, e que direciona a vida em sociedade.

Uma formação crítica, atribuída à escola, coloca o professor à frente das discussões sobre os mecanismos, e possibilita romper com costume da verdade acabada, além de torná-los pesquisadores e conhecedores das transformações tecnológicas.

Considerar as possibilidades da interação global ou local que se faz pela tecnologia, é relevante para a sociedade, pois informa torna público acontecimentos. Não se quer aqui acusar a tecnologia, pelo contrário esta chegou a um nível de desenvolvimento pela racionalidade do homem e trouxe incontáveis benefícios para a sociedade, e seus avanços geram novas possibilidades de desenvolver cada vez mais. O importante a realçar é crescente desigualdade de acesso e alienação própria da cultura de massa para manter a hegemonia e o consumo no sistema atual .

A mídia está presente no nosso dia a dia, logo está também presente no processo educacional. É relevante que utilizamos desses recursos neste processo, pois fazem parte da realidade do aluno e devem ser instrumentos no processo de reflexão, informação e formação do sujeito. É a intencionalidade e competência do professor, ao fazer uso dos recursos, sua metodologia de trabalho, que irão fazer a diferença.

Ao término desse estudo, constatou-se a necessidade de um trabalho mais aprofundado sobre a prática pedagógica, porém como não é o objeto central dessa pesquisa, espero que este estudo contribua para que outros

profissionais ou outros pesquisadores possam dar continuidade, despertando assim outras reflexões acerca desse tema.

Ainda cabe considerar que reconhecemos que a mídia exerce um papel educativo, isto é, a mesma dissemina hábitos, juízos éticos e estéticos nas relações sociais. Frente a isso, finalizo pensando acerca da necessidade de pensarmos criticamente a mídia. Pois caso esta reflexão não aconteça poderemos ter os nossos sentidos anestesiados tornando-nos crédulos e ingênuos. Para sair desse ostracismo, é preciso ter acesso ao que de fato está ocorrendo e para que isso ocorra, um dos primeiros passos é estar em permanente estado de dúvida, como bem nos lembra Chomsky. A dúvida, então, moverá o nosso pensar, e segundo Descartes, quando o homem pensa, ele existe e ao perceber que existe, quicá queira saber a verdade.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. 1903-1969. **Mínima Moralía**: Reflexões a partir da vida danificada. Tradução Luiz Eduardo Bicca, revisão da tradução Guido de Almeida. 2. ed, São Paulo: Ática, 1993.

_____. **Palavras e sinais**: modelos críticos 2/Theodor W. Adorno; tradução de Maria Helena Ruschel; supervisão de Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes, 1995.

ALMEIDA, F. J. de. O Educador: Magnanimidades e Ambiguidades. **São Paulo Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 2, abr. 2001. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010288392001000200013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 24 abr. 2009.

ARAUJO, F. **Mídia, Criança e Consumo**: alguns desafios e possibilidades para o contexto escolar. 2008. 53fls. Trabalho de conclusão de curso (graduação em pedagogia). Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2008.

BAITELLO, N. J. **O Tempo Lento e o Espaço Nulo**. Mídia Primária, Secundária e Terciária. GECCOM – grupo de estudo da cultura, comunicação e mídia. 2006. Disponível em: <http://geccom.incubadora.fapesp.br/portal/referencias/textos/baitello/tempolento.pdf/view> Acesso em 01 set. 2009.

BARROS, D. M. V.; BRIGHENTI, M. J. L. Tecnologias da informação e comunicação & formação de professores: tecendo algumas redes de conexão. In: Cléia Maria L. Rivero; Sílvio Gallo. (Org.). **A formação de professores na sociedade do conhecimento**. Bauru: EDUSC, 2004, v. 1, p. 125-144.

BELLONI, M. L.; GOMES, N. G. Infância, mídias e aprendizagem: autodidaxia e colaboração. **Educ.Soc.**, Campinas, v.29, n.104, out. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302008000300005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 20 jun. 2009.

BELLUZZO, R.C.B. A aprendizagem ao longo da vida: um desafio para a educação na sociedade do conhecimento. In: RIVERO, C.M.L. e GALLO, S. **A formação de professores na sociedade do conhecimento**. Bauru: Edusc. 2004, p.145-159

BOUFLEUER, J. P. **Pedagogia da ação comunicativa**: uma leitura de Habermas / José Pedro Boufleuer. 3. ed. Ijuí: Ed Unijuí, 2001

CARDOSO, C. M. **Humanidades em comunicação**: um diálogo multidisciplinar/ Clodoaldo Meneguello Cardoso (organizador) Bauru: UNESP/FAAC; São Paulo : Cultura Acadêmica Editora, 2005.

CASTELLS, M. A revolução da tecnologia da informação. /In: _____ **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2008. p. 67-118. 11

CAVICCHIOLI, G. S. **Mídia, Infância e Educação**: um estudo quanto a percepção de crianças frente programas sensacionalistas que exploram a violência .2008. 68fls. Trabalho de conclusão de curso (graduação em pedagogia). Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2008

CERVO, A. L. **Metodologia científica**: para uso dos estudantes universitários [por] Amado Luiz Cervo [e] Pedro Alcino Bervian. 2. ed. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1978.

CHAUI, M. **Filosofia**. Série novo ensino médio, volume único. 2. ed, São Paulo: Ática, 2008.

CIRIBELLI, M. C. **Como elaborar uma dissertação de mestrado através da pesquisa científica** / Marilda Ciribelli Corrêa. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003

COSTA, G. P. **Cidadania e Participação**: Impactos da política social num enfoque psicopolítico. 1. ed.(ano 2008) 2ª reimpr./ Giseli Paim Costa. Curitiba: Ed. Juruá, 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101302008000300004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 20 abr. 2009.

FATORELLI, A.; BRUNO, F. **Limiares da Imagem**: tecnologia e estética na contemporânea/Antonio Fatorelli, Fernanda Bruno (org.). Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

FERREIRA, A. As Camisetas E As Tribos Na Cibercultura **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas** - Ano 07, número 12, 2008 - ISSN 1676-2924. disponível em <http://www.unirio.br/morpheusonline/numero12-008/aleteiaferreira.htm>. Acesso em 01 set. 2009.

FERREIRA, A. B. de H. **Miniaurélio**: o minidicionário da língua portuguesa dicionário/ Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação de edição Marina Baird Ferreira; equipe de lexicografia Margarida dos anjos .- 7.ed., Curitiba: Positivo, 2008

FERRÉS, J. **Televisão e educação**. Porto Alegre: artes médicas, 1996.

GARDINI, S. L. **Fragmentos e Discursos da Cultura Midiática**. Organizador Sergio Luiz Gadini. Cadernos de comunicação-6, Unisinos: São Leopoldo, 2000.

GATTI, B. A.. Estudos quantitativos em educação. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 30, n. 1, abr. 2004 . pp. 11-30 Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S15177022004000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 24 ago. 2009.

GUARRESCHI, P. A. **Mídia, educação e cidadania** : tudo o que você deve saber sobre mídia / Pedrinho A. Guareschi, Osvaldo Biz. Petrópolis: Vozes, 2005.

GUIMARAES, S. D. **Pesquisa colaborativa**: uma alternativa na formação do professor para as mídias. Ci. Inf., Brasília, v. 33, n.1, abr. 2004. Disponível em pp. 68-71 <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652004000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 25 abr. 2009.

GUNTHER, H. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 22, n. 2, ago. 2006 . pp. 201-209. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010237722006000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 24 ago. 2009.

HORKHEIMER, M. 1895 – 1973. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos / Max Horkheimer e Theodor W. Adorno; Tradução; Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro; Jorge Zahar, 1985.

IKEDA, D. **Proposta Educacional**: algumas considerações sobre a educação no século XXI / Daisaku Ikeda; tradução Elizabeth Miyashiro. São Paulo: Brasil Seikyo, 2006.

KANT, I. 1724-1804, **Crítica a razão pura**. São Paulo: Brasil, 1958.

KELLNER, D. **A Cultura da mídia – estudos culturais**: identidades e políticas entre o moderno e o pós-moderno/ Douglas Kellner; tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP; EDUSC, 2001.

KELLNER, D; SHARE, Jeff. Educação para a leitura crítica da mídia, democracia radical e a reconstrução da educação. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 29, n. 104, pp. 687-715 out. 2008. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302008000300004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 26 abr. 2009.

KENSKI, V. M. Educação e comunicação: interconexões e convergências. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 29, n. 104, out. pp. 647-665, 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302008000300002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 25 abr. 2009.

KLEIN, A. **Imagens de Culto e Imagens da Mídia**: interferências midiáticas no cenário religioso / Alberto Klein. Porto Alegre: Sulina, 2006.

KÖCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica**: teoria da ciência e iniciação à pesquisa/ José Carlos Köche. Petrópolis: Vozes, 1997.(p.21-26)

LIPOVETSKY, G. **Metamorfose da cultura liberal**: ética, mídia e empresa / Gilles Lipovetsky; tradução Juremir Machado da Silva. Porto alegre : Sulina, 2004.

LOR, E. A.; CONTE, C. P.; MARTIGNONI, F. A.. **Modernidade líquida**: análise sobre o consumismo e seus impactos na Sociedade da Informação 2007. (Artigo). Disponível em http://www2.oabsp.org.br/asp/comissoes/sociedade_informacao/artigos/modernidade_liquida.pdf. Acesso em 02 set. 2009.

LOUREIRO, R.. **Indústria cultural e educação em “tempos pós-modernos”**. Robson Loureiro, Sandra Soares Della Fonte. Campinas: Papyrus, 2003.

MAMEDE-NEVES, M. A. C.; DUARTE, R.. O contexto dos novos recursos tecnológicos de informação e comunicação e a escola. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 29, n. 104, Oct. 2008 pp. 769-789. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-3302008000300007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 17 ago. 2009.

MARTINS, G. de A. **Manual para a elaboração de monografias e dissertações/** Gilberto de Andrade Martins. 3.ed, São Paulo: Atlas, 2002.

MENEZES, J. E. de O.. Vinculos sonoros : o rádio e os múltiplos tempos. In (org). **Os Símbolos Vivem Mais Que Os Homens: ensaios de comunicação, cultura e mídia/** Denise Paiero, Norval Baitello Junior, Jose Eugenio De Oliveira Menezes, Luciano Guimarães (Org.). Cisc, Ed: Annablume, 2006

MORAN, J. M. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In MORAM, J. M. MASETTO, M.T. BEHRENS, M.A. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. Ed. 13ª. Campinas: Papyrus, 2007. p.11-66.

_____. Como utilizar a Internet na educação. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 26, n. 2, maio 1997. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19651997000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 25 abr. 2009.

MOREIRA, A. F. B. ; KRAMER, S. Contemporaneidade, educação e tecnologia. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 100, out. pp. 1037-1057, 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302007000300019&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 20 abr. 2009.

MOROZ, M.; GIANFALDONI, M. H. T. A.. **O processo de pesquisa: iniciação**. 2ª. Ed. Brasília: Líber Livro Editora, 2006.

OHAYON, P. et al . Iniciação científica: uma metodologia de avaliação. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 54, mar. 2007 . pp. 127-144. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362007000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 24 ago. 2009.

OLIVEIRA, P. de S. (org). **Metodologias das ciências humanas**. 2ª ed. Huncitec/Ed. da UNESP, São Paulo, 2001

RAMOS-DE-OLIVEIRA, N. Do ato de ensinar numa sociedade administrada. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 21, n. 54, Aug. 2001 . pp. 19-27 Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01013262200100020003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 14 set. 2009.

_____. "Educação e Emancipação". In: BARBOZA, R.L.L. **Formação de educadores: desafios e perspectivas** / organizadora Raquel Lazzari Leite Barbosa,- São Paulo: Editora UNESP, 2003. p.297-309

RUIZ, J. Á. **Metodologia científica** : guia para eficiência nos estudos.-6.ed -2. reimpr. –São Paulo: Atlas, 2008 p. 48-63

SANTOS, T. S.dos. Do artesanato intelectual ao contexto virtual: ferramentas metodológicas para a pesquisa social. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 22, dez. 2009. pp. 120-156. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S15175222009000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 24 ago. 2009.

SERAPIONI, M.. Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa social em saúde: algumas estratégias para a integração. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 2000 . pp. 187-192. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232000000100016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 24 ago. 2009.

SEVERINO, A. J. Expansão do ensino superior: contextos, desafios, possibilidades. **Avaliação (Campinas)**, Sorocaba, v. 14, n. 2, jul. 2009. pp. 253-266 Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772009000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 24 ago. 2009.

_____. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, A. T. T. da. **Infância, Experiência e Trabalho Docente**. 2007. 129 fls. Tese (Doutorado em Educação) – UNESP Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007

SOUZA, N. A de. “Educação, ética e comunidade educativa”. In. **Filosofia e Cidadania**. Philos, Florianópolis, ano 8,n.16, 2ºsemestre/2001. p. 5-19.

STRAUBHAAR, J. D. **Comunicação, Mídia e Tecnologia** / Joseph Straubhaar; Robert LaRose; tradução Jose Antonio Lacerda Duarte; revisão técnica Luiz Guilherme Duarte. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

TERUYA, T. K. **Trabalho e educação na era midiática**: um estudo sobre o mundo do trabalho na era da mídia e seus reflexos na educação/ Tereza Kazuko Teruya, Maringá: Eduem, 2006

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia / Jhon B. Thompson; tradução de Wagner de oliveira Brandão; revisão da tradução Leonardo Avritzer. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

APÊNDICES

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações do tema do projeto, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: A influência da mídia sobre o processo de ensino e aprendizagem

Professor responsável: Adriana Regina de Jesus Santos

Acadêmico(a) responsável pelo projeto: Angélica Lima Piai

Apresentação

Esta pesquisa é parte do trabalho de conclusão de curso da área de Pedagogia, cujo tema é: **a influência da mídia sobre o processo de ensino e aprendizagem**, de modo a evidenciar as possíveis concepções e as imagens que os professores tem sobre a mídia, seus recursos tecnológicos e suas possíveis implicações sobre o processo de ensino e aprendizagem. Desde já agradeço seu valiosíssimo apoio e boa vontade, na participação dessa pesquisa, contribuindo para discussão e aprofundamento desse conhecimento. Será preservada a identidade dos participantes, garantindo o sigilo dos dados pessoais registrados no instrumento. Faz-se necessário ressaltar, que pode ser retirado o consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DO SUJEITO

Eu, _____, RG _____,
CPF _____ abaixo assinado, concordo em participar do presente estudo como sujeito. Fui devidamente informado e esclarecido sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve à qualquer penalidade.

Local e data: _____

Nome: _____

Assinatura do Sujeito ou Responsável

Telefone para contato.

APÊNDICE B

QUESTIONARIO APLICADO AOS PROFESSORES

Nome _____ Idade _____
 Formação _____
 Função _____
 Tempo de experiência : _____

Série que atua: () 1^a () 2^a () 3^a () 4^a...Ou ano () 1^o () 2^o () 3^o

1_ O que é mídia?

- () é tudo que transmite uma imagem ou comportamento.
 () são recursos que podem ser utilizados em sala de aula .
 () são imagens que interferem positivamente ou negativamente no processo ensino e aprendizagem.
 () São meios desenvolvido pelo homem através da tecnologia
 () podem ser revistas, jornais, livros, programas televisíveis, desenhos animados
 Complemento:.....

2- O que podemos entender por recursos midiáticos?

- () TV
 () data show
 () rádio
 () são socializadores
 () vídeos
 () cartaz
 () jornais/ revistas
 () fotografias
 () computadores
 () notícias
 () jogos
 () filme
 () propagandas
 () Internet
 () a atuação do professor
 () desenhos animados
 () comportamentos
 () são informativos
 () estimulam a criatividade e espontaneidade

Complemento.....

3- A mídia contribui no processo de ensinar e aprender?

- () sim () não () as vezes
 Complemento.....

.....

.....

4- O que é ensinar na sociedade midiática?

- é uma atividade que centra-se no professor.
- é transmitir conhecimentos sistematizado em instituição formal. (escola)
- é proporcionar estímulos para que o aluno construa seu conhecimento.
- é auxiliar o aluno em seu desenvolvimento intelectual, social e crítico.
- é atividade que ocorre nos mais diversos ambientes e situações, a qual não só o que falamos mas também como nos comportamos e os recursos utilizados influência nesse processo.

Complemento.....

.....

.....

5-O que é aprender na sociedade midiática?

- é uma atividade que centra-se no aluno.
- é memorizar os conteúdos apresentados
- é a capacidade de relacionar com outros conteúdos ou disciplinas
- é capacidade de transferir o aprendido para novas situações, desenvolvendo assim a criatividade e autonomia.
- é a experiência de aprender como aprender

Complemento.....

.....

.....

6-Qual (is) a(s) maior (es) dificuldade(s) que se tem para ensinar na sociedade midiáticas?

- falta de conhecimento sobre a mídia
- falta de interesse dos alunos
- falta de recursos audiovisuais
- resistência dos professores em relação as tecnologias
- falta de formação de professores em relação às tecnologias

Complemento.....

.....

.....

7-Como deve ser o processo de ensino para que o aluno aprenda?

- disciplinado e rígido
- interativo, considerando os conhecimentos prévio do aluno.
- estimulador, com metodologias e recursos tecnológicos diversificados.
- deve ser relacionado com a realidade do aluno.
- deve ser livre para que o aluno pesquise e descubra conforme seu interesse e espontaneidade, de forma crítica e reflexiva os conteúdos direcionados.

Complemento:.....

.....

.....

8- Através do uso das mídias quais as contribuições positivas e negativas na formação do aluno?

.....

.....
